A CENA Muda



Nº 26 ★ 7-7-54
Cr$ 4,00 em todo o Brasil

CID CHARISSE

Exímia bailarina da tela, com atuações magníficas nos filmes da Metro, Cid Charisse caminho para uma glória maior em Hollywood.

A CENA Muda

BATE PAPO COM O LEITOR

Com êste número os leitores mais antigos e os mais novos terão agradáveis surprêsas. Por exemplo: as páginas multicoloridas, prova de que esta revista está evoluindo e procurando agradar e distrair ainda mais aquêles que dela fazem seu melhor entretenimento.

As edições quinzenais são motivadas pela mudança no ritmo de trabalho das oficinas onde A CENA é impressa. Fazemos questão de frisar que é apenas uma situação transitória. Mas, voltando a falar a vocês das páginas multicoloridas: nelas vocês encontrarão reportagens palpitantes como «O Cinema Revive Glenn Miller» e «Barbara-Jeff: o casal completo de Hollywood».

—//—

Entre outras atraentes reportagens dêste número podemos destacar para vocês uma sôbre Ursula Thiess, a mulher com quem Bob Taylor se casou. William Holden, vencedor do último «Oscar» da Academia de Hollywood, faz oportunas revelações na reportagem «Não Podia Ser Eu o Vencedor do «Oscar». Glenn Ford e Dianna Lynn participam de outra reportagem interessante: «Astros Numa Terra Exótica». Um brasileiro foi de São Paulo a Hollywood num fordeco 1929. Suas peripécias estão narradas em movimentada reportagem dêste número. Silvana Mangano, a bomba italiana de «Arroz Amargo», é também focalizada nesta edição, assim como Jean Peters, Richard Burton, Jane Wyman, Fernando Lamas e outros.

—//—

Para entreter melhor seus leitores (antigos e novos) A CENA lança agora «Cine Passatempo» e «Cine Test». Vocês (todos) podem participar dêsses passatempos e ganhar valiosas lembranças. Experimentem!

—//—

Recomendamos que leiam no texto da revista a seção «Vitrina de A CENA» para saber das atrações do próximo número, que podemos garantir desde já ainda mais movimentado, palpitante, multicolorido e divertido do que êste!

Redator « X »

Julho, 1954 ★ 1ª quinzena ★ 6/7/1954

REPORTAGENS MULTI-COLORIDAS

O cinema revive Glenn Miller 22/23
Glamour depois das cinco (Rhonda Flemming) 24/25
Barbara-Jeff: o casal completo de Hollywood 26/27

REPORTAGENS ESPECIAIS

Ursula Thiess: a mulher com quem Bob se casou 4/ 5
Richard Burton: a paixão pelo teatro levou-o a ser famoso no cinema 6/ 7
Falando de Jean Peters 10/11
Não podia ser eu o vencedor do «Oscar» (William Holden) 16/17
Belinda (Jane Wyman) está de volta! 20/21
Outra vez Silvana Mangano 29
Já houve romance entre êles (Fernando Lamas-Arlene Dahl) 37
O maior sonho de Frank Sinatra 38/39
São Paulo - Hollywood num carro tipo 1929! 40/41
Astros numa terra exótica 44/45

SEÇÕES PERMANENTES

Flagrantes do cinema 6
Cine-biografias 8
Cine-test 9
Sessão prévia 11
Histórias que não foram filmadas 12/13
O leitor diz o que pensa 14
Flash europeu 15
Cinema nacional em foco 18/19
Rádio 21
As «estrêlas» falam de elegância e beleza 30/31
Cine-passatempo 32
Ribalta 34/35
Discos 43
O glamour no cinema 46

VARIEDADES

Cante você também 7
Meu melhor papel (Arthur Kennedy) 10
Janet levou um tombo (Janet Leigh) 31
Minha mascote (Steve Cochran) 35
Meu tipo inesquecível (Leslie Carón) 39
Pequena história do cinema (Início) 41
Que esconderá o riso de Maria Felix? 46
Tony-Piper não se suportam 46

PROPRIEDADE DA:

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

DIRETOR:

GRATULIANO BRITO

★

A CENA mantém correspondentes em Hollywood, Londres, Paris, Roma e na América do Sul. Acordos especiais e exclusivos com a «Press Cinema» e «Mondi Press».

ENDERÊÇO

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil.
Publicidade 22-9570
Redação 22-4447
Gerência 22-8647
Administração e Contabilidade 22-2550
Portaria 22-5602

Enderêço Telegráfico: «REVISTA»

EM SÃO PAULO

Distribuição e Venda: A. Zambardino — R. Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569
Publicidade: W. Farinello — Rua S. Bento, 220, 3º andar — Telefone: 32-1512

PREÇOS

Número avulto em todo o territóric nacional	Cr$ 4,00
Número atrasado	Cr$ 4,50
Assinatura anual (52 números)	Cr$ 200,00
Assinatura semestral (26 números)	Cr$ 100,00
Assinatura anual sob registro	Cr$ 230,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$ 120,00
Assinatura para o estrangeiro (anual)	Cr$ 350,00
Assinatura para o esgeiro (semestral)	Cr$ 180,00

CAPA



Em nossa capa desta edição a graciosa «estrêla» da Fox, Mitzi Gaynor, excelente bailarina e ótima atriz. Uma risonha promessa da nova geração da «capital do cinema».



URSULA THIESS À MULHR COM QUEM BOB SE CASOU!

ELA SOBREVIVEU ÀS PRISÕES DE HITLER PARA VIR CAPTURAR HOLLYWOOD E O CORAÇÃO DO FAMOSO «ASTRO» ★ AS CAUSAS E OS EFEITOS DA FELICIDADE DA MAIS LINDA MULHER DO MUNDO...

Por DOROTHY SHAW



URSULA :
sucesso certo onde chega . . .



Bob encontrou a felicidade ao seu lado . . .

Sempre juntos até ao altar e à eternidade . . .



ÚLTIMA HORA

Esta reportagem já estava escrita e programada quando um telegrama de Hollywood informou que Ursula Thiess e Robert Taylor haviam casado. Nada mais interessante, pois, do que mostrar aos nossos leitores como é a mulher com que Bob se casou, êle que certa vez chegou a desacreditar que fôsse capaz de renovar o passo dado com Barbara Stanwick, mais tarde um fracasso que surpreendeu seus amigos e colegas, considerando-se que eram tidos como felizes e unidos para sempre. Dorothy Shaw, correspondente em Hollywood descreve Ursula Thiess como a mais linda mulher do mundo. Ela pode não ser a mais linda do mundo para os demais... Não há dúvida que no momento ela representa a única mulher do mundo para Bob. E isso basta para êle!

Ursula Thiess não é u'a mulher bonita apenas no físico — embora êste não seja de se desprezar. Mede 1,65 de altura, pesa 54 quilos *bem distribuidos*, tem cabelos negros naturalmente ondulados, grandes olhos verde-cinzentos, nariz fino levemente arrebitado e bôca pequena, suavemente delineada. Ursula não é, porém, uma beleza *feita em série* — do tipo "Goldwyn girl", de rosto de boneca e plástica medida. Absolutamente. *A despeito* da sua perfeição física (sim, a beleza já está um tanto desvalorizada em Hollywood...) ela possui uma personalidade diferente, um tanto sofisticada e emanando *sex-appeal* como se fôra perfume. Não há para com Ursula o menor antagonismo das outras mulheres, pois sua beleza e *charme* são tão estonteantes que todos ficam extasiadas a olhá-la, mais com admiração do que com inveja. Porque há ainda outra qualidade a emoldurar a personalidade de Ursula: a sua irradiante simpatia.

Qundo a vi pela primeira vez, eu havia acabado de entrevistar a não menos bela Linda Darnell e encontrava-me no escritório da publicista Adele Palmer, nos estúdios da RKO. Ursula entrou ràpidamente para dar alguns telefonemas e não pude esconder a admiração pela sua incrível beleza, da qual eu ouvira falar, mas sem nunca supor que de fato houvesse justiça nos qualificativos. Adele Palmer sorriu. Está acostumada a tais reações de tôdas as pessoas que conhecem a nova "estrêla" pessoalmente. Manifestei desejos de entrevistá-la, e Ursula convidou-me a jantar no apartamento que alugara em Beverly Hills naquela mesma tarde. Tudo ainda estava por arrumar, mas...

— ... você compreende, não é? Lá poderemos conversar com mais calma.

Embora alemã, Ursula Thiess já fala um inglês perfeito, quase sem sotaque estrangeiro. Chegou aos Estados Unidos há dois anos, trazida pelo produtor Howard Hughes, da RKO. Durante êstes dois anos, Ursula fêz dois filmes — um na Itália, outro na Columbia. O resto do tempo passou aperfeiçoando o idioma e estudando arte dramática.

— Até receber o convite de Mr. Hughes para vir a Hollywood, nunca pensei em tornar-me, um dia, atriz cinematográfica, — confessa-me Ursula enquanto atravessamos o *parking-lot* do estúdio para apanhar o seu novo Mercury verde, que combina tão bem com os seus olhos.

— Veja como foi bom vir à América! — continuou ela. — Na Alemanha, andava de bicicleta... e, assim mesmo, era uma só para tôda a família!

Ursula não esconde as dificuldades, trabalhos e humilhações por que passou na sua terra. Mas esconde — ou melhor: menciona, mas não gosta de comentar — o seu infeliz casamento com um fotógrafo alemão que lhe deu dois filhos, os quais ela está procurando trazer para a América.

— O dia mais feliz da minha vida será aquêle em que eu tiver aqui comigo minha mãe e as crianças! — declara Ursula desviando os olhos da direção do carro para contemplar a maravilhosa visão de Hollywood ao crepúsculo que se nos depara do alto do Sunset Strip, justamente... *o boulevard do crepúsculo!* Cinco minutos depois estamos em Beverly Hills, subindo as escadas de um moderníssimo prédio na avenida Wilshire, onde noto alguns calos nas suas mãos. Seria esfôrço pela mudança?
noto alguns calos nas suas mãos, Seria esfôrço pela mudança?

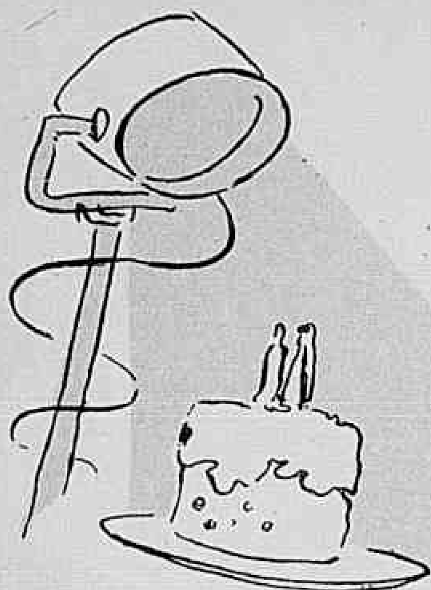
— Não, — explica Ursula, — são *lembranças* da guerra. Servi um ano num dos campos de trabalho para os quais Hitler mandava as mulheres escritoras que não quisessem colaborar com o regime. Recusavamo-nos a escrever elogiando o nazismo? Pois êle nos enviava àqueles campos-fazendas, onde éramos obrigadas a tirar leite de uma dúzia de vacas por dia, estragando as mãos que, até então, apenas haviam empunhado a pena ou batido o teclado de máquinas de escrever...

A vida de Ursula Thiess daria um romance. Filha de boa família, seu pai dirigia uma proveitosa companhia de importação em Hamburgo, Alemanha, quando Ursula nasceu. Era a filha única e, por isso, recebeu esmerada educação nos melhores colégios. Ao completar o curgo ginasial, ela planejava ir estudar literatura numa Universidade, a fim de ampliar seus conhecimentos, pois estava firmemente decidida a tornar-se escritora. Mas, justamente nessa ocasião, arrebentou a II Guerra Mundial e Ursula viu seu lar desmoronar-se sob as bombas inimigas, sepultando seu pai e, com êle, as possibilidades da manutenção. A familia perdeu tudo e Ursula fugiu para o interior com sua mãe, instalando-se na fazenda um casal amigo. De lá, escreveu diversos contos que, enviados a revistas especializadas, foram publicados e pagos, sendo aquêle o 1º dinheiro que ela ganhou na sua vida.

(Cont. na página 32)

A jovem «estrêla» alemã tem cabelos negros, olhos verde-cinzentos, nariz arrebitado, bôca bem delineada e tez clara. Quando viu o seu retrato, o produtor Howard Hughes nem quis saber se ela era boa atriz . . . e com razão . . .

Flagrantes do Cinema



★ Até os bolos têm «standing» em Hollywood! A fim de evitar que um enorme bôlo de casamento derretesse sob as possantes luzes dos refletores, enquanto Doris Day e Howard Keel ensaiavam uma cena de «Calamity Jane», nos estúdios da Warner, o mesmo foi substituído por um bôlo de papelão até o momento exato da filmagem quando, então, a noiva deveria cortá-lo . . .

★ De acôrdo com um jornal comunista da zona russa da Alemanha, Marilyn Monroe é a «arma secreta» de que está se valendo o senador Joseph McCarthy, a fim de fazer com que o povo americano esqueça a grave crise porque passa o país . . . Ao ter conhecimento de tão absurdas declarações o senador McCarthy apenas declarou: «Nem conheço Miss Monroe pessoalmente, mas, acho que, se fôsse o caso, ela seria mesmo a «arma secreta» indicada para tal!»

★ nestes dias em que Hollywood procura cortar as despesas e conseguir novas histórias para atrair o público que a televisão roubou, um escritor da Universal apresentou uma idéia a Tony Curtis para realizar um filme que não custaria um centavo em artistas para o elenco! O mesmo seria chamado «Harvey e o Homem Invisível» . . .

★ O «band-leader» Xavier Cugat — atualmente tocando no «Pan Pacific Auto Show» de Hollywood — apareceu outro dia com a história de que fôra assaltado por um mascarado que levara tôdas as jóias de sua jovem espôsa, Abbe Lane. Mas há muita gente que acha que tudo foi forjado para apanhar o dinheiro do seguro! Nada é de admirar, em se tratando do esperto **Cugie** . . .

★ Para quem não acredita num casamento duradouro em Hollywood, Bud Abbott — da dupla Abott e Costello — manda avisar que acaba de comemorar 35 anos de matrimônio! Bud desposou Betty Pratt em 1919, após um «noivado» de 12 horas . . . «Isto prova que nem sempre um casamento apressado leva ao divórcio!» — disse o conhecido cômico.

★ Numa recente festa, Terry Moore comentava com um jornalista: «Francamente, não dou a mínima importância ao que dizem de mim nos jornais!» **«Posso citar essa sua declaração na minha coluna de amanhã?»** — perguntou-lhe o jornalista. «Não, por favor, não faça isso! . . .» — pediu Terry Moore . . .

★ Gilbert Roland — o veterano ator mexicano que faz sua «reentrée» romântica em «The French Line», com a estonteante Jane Russell — terminou, finalmente, o livro que estava escrevendo — «Blood on the Horns» — biografia do seu pai, que foi um grande toureiro. Roland pretende filmar a história, interpretando êle próprio o papel do pai.

★ A Academia de Artes e Ciências de Hollywood está estudando uma maneira de fazer com que os «Oscars» sejam devolvidos ao seu museu após a morte do vencedor, pois recentemente apareceu uma estatueta em leilão, causando bastante embaraço aos membros daquela entidade . . .



. . . exemplo de tenacidade.

RICHARD BURTON: A PAIXÃO PELO TEATRO LEVOU-O A SER FAMOSO NO CINEMA . . .

Seu destino era a glória e nada impediu que até ela chegasse o jovem marinheiro dos primeiros anos da juventude. Muitas vêzes, da amurada do seu barco ficava olhando os horizontes infinitos para, talvez, vislumbrar algo de seu ideal . . . Uma fôrça o impelia: a paixão pelo teatro.

Trazia sempre consigo livros sôbre teatro e peças clássicas, modernas e românticas. lia artigos e ensaios, desde que versassem sôbre seu assunto favorito e com isso foi ganhando (sem perceber) uma vasta cultura. Num de seus regressos a Londres, deixou definitivamente a marinha e apresentou-se a uma agência teatral onde, graças à sua elevada estatura, foi logo indicado para fazer parte de um elenco. Dentro de pouco tempo Londres ouvia seu nome e aplaudia sua arte em «Hamlet» pelo elenco do «Old Vic». Depois foi fazer sucesso no rádio e na TV. Burton passou a ser figura do dia e não tardou a ser chamado para o cinema. Daphne Du Maurier, autora de «Rebecca», lembrou-se dêle para o papel masculino de seu novo livro, «My Cousin Rachel», que a Fox estava propensa a produzir. O filme lançou-o na estrada da fama e a escolha para o elenco do primeiro C-Scope, «O Manto Sagrado», consagrou-o como grande nome do cinema. Sôbre êle disse certa vez o diretor Henry Koster que o dirigiu em «The Robe»: «É um verdadeiro dínamo. Há vitalidade em tudo o que faz. É animado e pode inspirar entusiasmo ao mundo, além de ser um dos atores mais convincentes que já dirigi em tôda a minha vida!»



. . . fotografar é seu «hobby».



Cante VOCÊ Também!

É O "AMORE" (That's Amore)

Valsa de Warren e Brooks — Versão de Haroldo Barbosa. Do filme da "Paramount" "Sofrendo da Bola".

Gravações — João Dias (Odeon), Bill Farr (Continental), Carlos Augusto (Sinter) e Zezé Gonzaga (Columbia).

Na Itália eu vi — E traduzi:
Que "Amore" — amor
É mais amor:

Quando a luz de uma estrêla
Parece mais bela — É o "amore"
Se no toque de um sino
Há um murmúrio divino — É o "amore"
Sino faz: Ting-ling-lin
Ting-ling-lin
Você diz: "vita bella"
Coração, tem palpitação
Faz a imitação do que é a "Tarantella"
Sempre há dois — Tête a Tête
Em redor do "spaghetti" — É o "amore"
Quando em tudo que passa
Você acha graça — É o "amore"
Quando você começa a falar
Muitas vêzes em "cuore"
Se a memória não falha
Na Itália — isto chama-se "amore"

SECRET LOVE

Fox de Paul Francis e Sammy Fain

Do filme da Warner "Ardida como pimenta". Gravação Columbia de Doris Day.

Once I had a secret love
That lived within the heart of me,
All too soon my secret love
Became impatient to be free,
So I told a friendly star,
The way that dreamers often do,
Just how wonderful you are,
And why I'm so in love with you.
Now I shout it from the highest hills,
Even told the golden daffodils;
At last my heart's an open door,
And my secret love's no secret anymore.

ENCANTAMENTO

Fox de Othon Russo e N. Brito
Gravação Copacabana de Angela Maria

A luz que vem do céu
Numa noite de luar
É o mesmo albor que vejo
No azul do teu olhar
Quando estás em meus braços
Há calor e emoção
E no ardor de teus carinhos
Há inspiração.
Desde que te encontrei
Amo a lua e odeio o sol
Pois longe estás querido
Da aurora ao arrebol
Anelando as noites calmas
Passo os dias a sonhar
Venturosa porque és meu
Feliz de te amar.

CINE Biografias



JEFF CHANDLER — Seu verdadeiro nome é Ira Grossell, nasceu na cidade de New York, no dia 15 de dezembro de 1918. É alto, tipo de atleta, cabelos platinados que aumentam-lhe a fama junto as fãs que admiram também seus olhos e cabelos castanhos. Durante dois anos representou peças teatrais em Chicago até ingressar no cinema. Sucesso fulminante! Também foi herói da última guerra, batalhando nas guarnições antiaéreas e na cavalaria. Adora beisebol e futebol. Adora também suas filhas. Foi casado com Marjorie Heshelle, também atriz. "Astro" quase exclusivo da Universal. "Adagas do Deserto" e "Ao Sul de Sumatra", dois de seus bons filmes.



JOAN FONTAINE — A maior particularidade sôbre essa famosa atriz é ter nascido no Japão, filha da família Havilland que deu outra artista, Olivia. As duas não se dão há vários anos. Joan começou também no teatro onde ganhou fama de boa atriz. Sua mania é a aviação e quando pode, pilota um avião de sua propriedade. Tem a vertigem das alturas. Gosta de jogar tênis e adora a natação. Em 1941 teve uma grande alegria quando conquistou o "Oscar" da Academia, pelo seu trabalho em "Suspeita". Gosta muito de ficar em casa cozinhando. Citam-se entre seus sucessos da tela: "Rebeca" e "Jane Eyre".

HOLLYWOOD Boulevard

Bob Hope é a figura central do livro que Pete Martin está escrevendo. Bob e suas famosas piadas formam os episódios mais interessantes da obra que promete ser naturalmente um «best seller». Pete anda sempre atrás do famoso cômico para que êle lhe conte novas experiências e detalhes íntimos de sua carreira. O escritor é muito exigente e sabe que seu livro vai ser lido por muita gente, inclusive por aquêles que em Hollywood adoram criticar obras alheias...



Marlene Dietrich foi visitar a nova «estrêla» Audrey Hepburn nos estúdios da Paramount e confessou-se encantada com a refrescante personalidade de Audrey.

Há um caso curiosíssimo em Hollywood, que pouca gente sabe: anualmente, Van Johnson envia ao dr. Bill Branch um vaso com plantas para o seu jardim e um cartão que diz: «Obrigado por ter salvo a minha vida». O dr. Branch é o cirurgião que operou a cabeça de Van, quando o loiro astro sofreu um acidente de automóvel há dez anos atrás e ficou às portas da morte. Até hoje, Van usa uma placa de metal interna que o dr. Branch lhe colocou na testa. E como a gratidão é uma das grandes qualidades do ator da Metro, êle decidiu formar um jardim para o Dr. Branch...

★

Farley Granger mandou dizer aos amigos em Hollywood que passou uma tarde agradável palestrando com o famoso escritor inglês Somerset Maugham. Embora Farley não se referisse a qualquer assunto tratado de ordem artística, fala-se que o juvenil ator foi escolhido para interpretar num próximo filme um personagem recente criado por Maugham. Será sem dúvida — se acontecer — uma grande coisa para Farley...



Joan Fontaine ensaia com Edmond O'Brien uma cena de «O Bígamo», que irônicamente foi dirigido por Ida Lupino, ex-espôsa de Collier Young, atual marido de Joan...

★

Tôda Hollywood acredita que o novo filme de Richard Conte, «out of Wedlock» tenha sido inspirado no recente e sensacional Relatório Kinsey sôbre o sexo. Trata-se da história de um jovem professor que escreve um ensaio sôbre os hábitos sexuais das mulheres e vê com tristeza seu próprio romance de amor terminado. O assunto é novo e interessante e o astro Richard Conte nutre esperanças de que seu novo filme reconduza-o à estrada da fama...



Jerry Lewis é visto aqui numa pretensa luta de box com seu «partner» Dean Martin no set de «Living It Up», o novo filme da dupla.

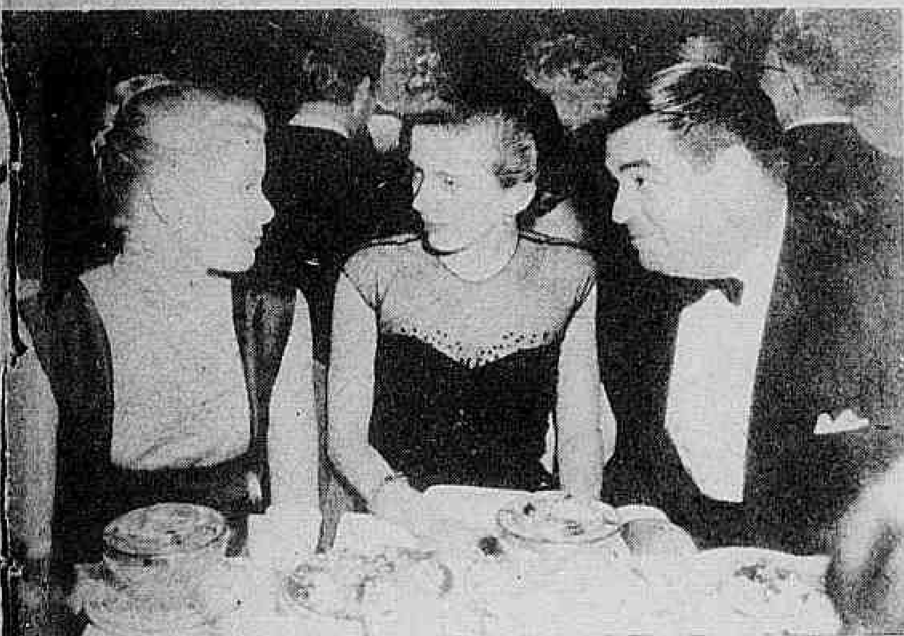


Fãs curiosos acompanham, nas Ilhas Fiji, ao «astro» Burt Lancaster que se maquila para uma cena de «Sua Majestade, o Aventureiro», realizado nesse lugar.

Guy Madison, que recentemente voltou a ser grande cartaz no cinema de Hollywood após interpretar «The Charge and the Feather River» e «The Command» nos estúdios da Warner, dedica-se em horas de folga a jogar golfe e está aperfeiçoando suas tacadas para competir com dois outros astros do cinema, também «malucos» pelo esporte: Bing Crosby e Bob Hope. E' possível que se formem duas duplas: Bing-Guy para jogar contra Bob-Jerry Lewis. A segunda dupla jogaria bem desde que não fizesse alguma «doidice» em pleno campo...

★

Dianna Lynn, a exótica atriz de Hollywood regressou de uma longa viagem à Europa, demorando-se muito em Londres. Estava num «night-club» uma noite dessas em companhia de um escritor do cinema. E parecia haver romance...



Grace Kelly — melhor atriz secundária do ano, por seu desempenho em «Mogambo» — conversa com o casal Kurt Kasznar durante um um jantar em Hollywood.

Outra noite vimos Gloria Grahame que ùltimamente tem sido feliz em suas interpretações no cinema, dançando com Cy Howard. Até aí nada demais. Porém a encantadora Miss Grahame estava muito tristonha e não quis dizer porque encontrava-se tão melancólica nos braços de tão cobiçado amigo. E' possível que para ela tenha surgido outro interêsse sentimental... impossível. Com as «estrêlas» isso acontece diàriamente e já não espanta mais...

★

Alexis Smith depois de ouvir as considerações do espôso Craig Stevens, de quem estava separada há muitos meses, aceitou voltar para sua companhia e tentar uma nova fase do matrimônio que parecia a todos pràticamente desfeito. Eis aí uma notícia alegre para os fãs de Alexis, que compreendiam o



A popularidade de James Stewart foi posta a prova durante a «première» de «Música e Lágrimas», no qual êle interpreta a figura de Glenn Miller. E com muito êxito!

profundo interêsse da «estrêla» dedicando-se ao lar, a ponto de haver esquecido — quase — a sua vida artística. Alexis aprendeu a lição e para o futuro fará naturalmente uma divisão de cinqüenta por cento para cada assunto. Será a melhor maneira de evitar novas decepções...

HOLLYWOOD Boulevard

Cine TEST

AOS LEITORES — O "Cine test" tem o intuito de divertir os fãs de cinema, instruindo-os sôbre a Sétima Arte. Aos concorrentes serão distribuidas, quinzenalmente, valiosas lembranças. Para o leitor que acertar os "tests" haverá uma compensação de Cr$ 100,00 (cem cruzeiros). As respostas ao "Cine Test" devem ser endereçadas para a redação de "A CENA" — Seção "Cine Test" — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro. Nome e enderêço completos.

TESTE DE MEMÓRIA

1. Quem era o principall artista do filme «Brutalidade»?
2. Quem foi a principal intérprete de «Kitty Foyle»?
3. Quem foi o astro de «Adeus, Mr. Chips»?
4. Quem foi a «estrêla» de «Maria Antonieta»?
5. De que morreu a «estrêla» Carole Lombard?
6. Quem foi o astro de «Meu Filho, Meu Filho»?
7. Quem foi o sedutor de Belinda», no filme do mesmo título?
8. Quem conhece o verdadeiro nome de Oscarito?
9. Eliana é parente de quem, no cinema brasileiro?
10. Onde nasceu o artista Anselmo Duarte?



O cine-teste para os fisionomistas é bem fácil. Trata-se da cena de um filme recente, ainda inédito no Brasil. E' o segundo filme de uma nova «estrêla» de Hollywood. Há um premiado na foto. Quem é? E quem é ela?





MEU MELHOR PAPEL

Por ARTHUR KENNEDY

Estou no cinema há muito tempo e custei a encontrar um papel que me agradasse de verdade. Nós, artistas, simpatizamos ou não com um enrêdo para filme, gostamos ou não de um personagem, e quantas vêzes por ironia da profissão somos obrigados a viver diante das câmaras tipos com os quais não concordamos. Fingir de mal para compor um tipo de bandido num filme, é coisa comum, porém dizem os conhecedores profundos da psicologia humana (ou cinematográfica) que somos artistas simpáticos ou não somos. Isso é uma verdade. O público acostumado a ver-nos interpretando personagens de bom coração, não se convence quando nos aprecia em outro tipo de papel. Mesmo que tenhamos dado o melhor de nosso esfôrço para compor o personagem como exigia o autor da história e o Diretor do filme. Meu melhor papel foi no filme "Só Resta a Lembrança", da Universal como um soldado cego a quem o destino coloca diante de uma jovem por quem êle se apaixona sabendo o grande problema que isso representava em seu mundo de trevas. Simpatizei logo com o papel e fiquei noites e noites, estudando o personagem para alcançar uma interpretação correta. Creio que foi bem aceito o meu desempenho, pois ainda guardo emocionado as cartas dos fãs, entusiasmados com o meu trabalho! Elas sempre representam para nós a única e verdadeira glória de um artista que busca o aplauso sincero e expontâneo.



Com Richard Widmark, sedutora...

REVELANDO JEAN PETERS

Por BETTY MC DONALD

Por muito tempo Hollywood acreditou que a «estrelinha» Jean Peters estava destinada a fazer sòmente papéis de ingênua, pois julgavam-na longe do tipo de Marilyn Monroe e outras rainhas do «sex-appeal».

Jean suportou essa temporada como ingênua, sempre desejando uma oportunidade de mostrar que não servia sòmente para beijar o mocinho, tôda acanhada e pensando em casamento... Mesmo assim, suas criações nesse tipo foram excelentes e serviram para provar que Jean assimilava bem, qualquer papel. Afinal concederam-lhe uma incursão em outro gênero e ei-la fazendo sucesso com Richard Widmark em «Anjo do Mal», da Fox, em um papel que exigiu-lhe tôda arte. Suas cenas de amor foram muito comentadas e aplaudidas e a revelação de seu «sex-appeal» colocou-a num mesmo plano de igualdade junto às demais mulheres fatais de Hollywood.

Desde o dia em que Jean Peters, modesta professorinha de Ohio deixou sua cidade em busca da glória cinematográfica até hoje, êsse foi o seu momento de maior emoção!



Vivendo um tipo fatal...

Sessão PRÉVIA



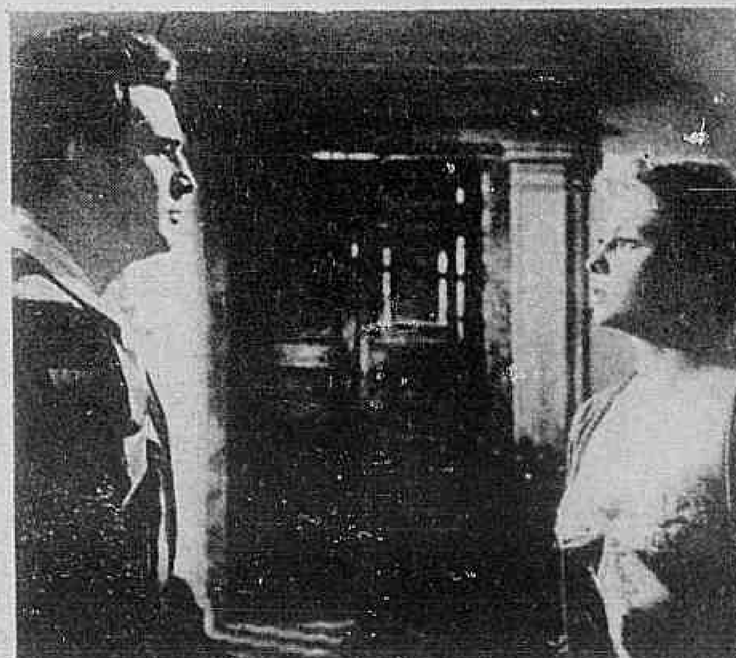
SANGUE DA TERRA — Drama sôbre petróleo cobiçado por aventureiros. No México. Gary Cooper, Barbara Stanwick e Anthony Queen. (Warner).



JOHNNY DARK — Vida de um ídolo das corridas de automóveis. Tony Curtis e Piper Laurie em mais um romance de amor. (Univ.)



SALÁRIO DO MÊDO — Filme francês. Transporte de nitroglicerina por sôbre estradas perigosas. Yves Montand e Charles Vanel. (F. Filmes).



O SAQUE DE ROMA — Filme italiano. Épico. Massacres de mulheres e crianças. Roma sob ameaça constante. Pierre Cressoy e Heléne Remy. (Art Films).

HISTÓRIAS QUE NÃO FORAM FILMADAS

Lisa concedera a Túlio todo o seu amor feito de renúncias para compreender um dia que fôra inútil apaixonar-se . . .

NO CAMINHO DA VIDA



DECIDIU-SE. Tinha que falar de qualquer maneira com o mestre, porém ainda não sabia como fazê-lo. Era tão tímida, tão pouco acostumada a conversar com gente... e ainda menos com uma pessoa tão importante.

Olhou-se ràpidamente no espelho e viu-se mais feia e mais mal vestida do que nunca. O chapéu fora da moda, a capa velha, os cabelos em desalinho, a bôca que não sabia sorrir, a figura magra e um pouco curva . . .

Mas, afinal de contas não interessava tudo isso; não era para ela que desejava chegar até o Mestre, mas sim para Túlio.

O rapaz estava ficando doente com a loucura de escrever música, e ela queria ajudá-lo a publicar o que êle compunha. Desde muito pequeno, Túlio havia ficado só no mundo e ela considerava-o como se fôsse seu filho, apesar de ter apenas dez anos mais do que êle. Custeara-lhe os estudos com as suas economias de simples empregada postal, conseguindo-lhe depois um emprêgo na municipalidade.

Túlio continuava, no entanto, sendo um rapaz infeliz. Sentia-se como um incompreendido, arruinado naquela estúpida cidade de província, em contato forçado com tôda aquela gente medíocre, a quem jamais contaria suas secretas aspirações. Sòmente na calma de sua casa parecia reencontrar a paz, e escrevia, uma, duas, três, dez fôlhas de notas que cantavam em seu coração. Era a sua obsessão!

Fôra Lisa quem lhe dera as primeiras aulas de piano quando êle ainda era pequeno, e com as mãozinhas pouco firmes, movia as teclas amarelecidas do velho instrumento.

Lisa, durante a noite, sentada a um canto, enquanto êle compunha, costurava suas roupas. Era tímida demais para fazer-lhe uma carícia ou dizer uma palavra de esperança que talvez acalmasse sua alma cansada e desiludida. Padeciam juntos e em silêncio; êle de viver uma vida que não era a sua, fechado num lugar do qual não tinha esperança de sair e onde cada dia que passava, sentia-se mais velho e acabado; ela de não poder fazer outra coisa senão remendar roupas velhas, renunciando aos seus vestidos, sapatos, limitada a

. . . abraçando-a ternamente disse-lhe, ao ouvido, perdoa-me...



...o homem reparou no seu desespêro sob a chuva...

fazer economias para oferecer-lhe uma casa mais confortável, uma vida talvez melhor num futuro mais brilhante, mesmo sabendo que se isso chegasse, ela o perderia para sempre...

Contudo, eram aquêles fugazes momentos os mais felizes para ambos. Pela madrugada Lisa ia deitar-se, deixando-o entregue à sua febre inspiradora que terminava quase sempre ao nascer do sol.

. . . .

Viera até aquela cidade o grande Mestre G., e Túlio ficara fascinado com um possível encontro. Tinha secretas esperanças de que o Mestre o atenderia com prazer e tomaria o compromisso de ouvir suas músicas. Êle sonhara, então, executar para êle suas composições. Eram apenas sonhos impossíveis...

. . . .

Pondo as chaves da casa na bôlsa, Lisa recordava o ímpeto de Túlio na noite anterior. Êle regressara à casa de mau humor e pior do que o costume.

— Não vai comer? — perguntara tìmidamente.
— Não tenho fome! — a voz dêle era áspera.
— Fiz pudim de arroz, de que tanto você gosta.
— Não quero! — foi a resposta sêca.
— Nem ao menos provar?... — ela insistira.

Túlio levantara-se, então, com fúria, atirando o guardanapo sôbre o prato, deixando cair o copo de vinho para fechar-se, depois, no seu quarto.

Ela ficara aturdida, sentada no mesmo lugar, sem compreender a razão do seu gesto, enquanto lágrimas quentes rolavam-lhe pelo rosto. Não tinha agora idéia de quanto tempo ficara com o garfo na mão, não enxergando mais nada, sem saber se deveria ir ao encontro dêle para consolá-lo, ou deixar que ficasse só, para que pudesse sentir seu íntimo e compreender como tinha sido cruel!

Túlio voltara, depois, e abraçando-a com ternura dissera-lhe ao ouvido...

— Perdoa-me... perdoa-me...

. . . .

Agora Lisa perguntava a si mesma que deveria fazer para ser recebida pelo Mestre. Imaginava muitos secretários, uma multidão de admiradores e tinha certeza de que jamais chegaria à sua presença. Estava diante da porta de ingresso dos artistas, e não tinha coragem de entrar... Ninguém a impediria naquele momento, porém ficou ali, olhando para a porta com a esperança e mêdo de que chegasse alguém e a mandasse embora.

Tudo estava calmo e solitário. Não passava ninguém. Lisa sentiu frio quando começou a chover, uma chuva fina e espêssa que penetrava até os ossos, apesar da capa, que aliás era velha e muito gasta.

Foi nesse momento exato que viu o homem. Era de idade e tinha passo ligeiro e aspecto distraído. Vinha com um sobretudo prêto e o chapéu caído sôbre o pescoço. Os cabelos, brancos, caíam-lhe sôbre a testa. Quando êle passou perto, Lisa pôde observá-lo melhor. O rosto era magro e descarnado, os olhos profundos, pequenos, e brilhavam. Parecia um indivíduo qualquer, modesto e sincero. Ela tomou coragem e foi ao seu encontro.

— Desculpe. O senhor é do teatro?
— Sou, sim — respondeu o homem gentilmente. — Que deseja?
— Eu... eu queria... eu queria falar com o Mestre G.
— Mas, o Mestre G....
— Sim, sim... — interrompeu-o Lisa com receio de ouvir um «não».
— Compreendo que o Mestre é muito ocupado, que não recebe ninguém, mais é apenas por alguns minutos, tenho que lhe entregar isto — e mostrou um rôlo que levava na mão — tenho que entregar-lhe isto, pessoalmente. Oh! Peço-lhe que me ajude, dizendo-me o que devo fazer para chegar até êle...

O homem olhou-a com indefinível senso de pena, embora êle fôsse habitualmente distraído. Tinha reparado, porém, num átimo, nos sapatos gastos, na capa leve demais para aquêle frio, nos cabelos desalinhados e no rosto cansado que revelava padecimentos. Viu, também, nos olhos medrosos acender-se uma chama que os tornara brilhantes tão esperançosa ela estava de que êle pudesse ajudá-la. Disse apenas:

— Venha comigo...

Entraram. Subiram alguns lances de escada e por fim pararam diante de uma porta. Lisa sentiu as pernas tremerem... dentro de alguns instantes ela estaria falando com o Mestre a respeito de Túlio. Quando estavam instalados, o homem disse:

— Agora... pode falar... Êste é o escritório do Mestre G.

Lisa olhou-o pensando que seria interrogada a fim de evitar enfado ao Mestre. Como tinha sido muito bom para ela e seu ar era brando e gentil, calculou que deveria ser sincera e dizer tudo. Sentou-se, então, sôbre uma almofada, enquanto êle continuava de pé, com as mãos afundadas nos bolsos e o chapéu agora sôbre os olhos. Não tinha coragem de perguntar quem era êle e começou a contar os planos de Túlio, o quanto sofria sendo um gênio e vivendo num poeirento escritório da municipalidade, obrigado a escrever coisas que não desejava, condenado a permanecer naquela cidade triste e sem horizontes. Compreendeu que havia falado muito e parou de repente, desculpando-se:

— Estou incomodando... desculpe-me... eu mesma não sei como isso aconteceu, porém tive tanta confiança no senhor...

O homem olhou-a entre os olhos e, sacudindo de leve a cabeça, indagou-lhe:

— A senhora nunca cantou?
— Cantar? Eu...
— Cantar... sim, cantar...

Ela sorriu.

— Cantava quando era pequena... cantava para meu pai... Mas, por que pergunta?
— Não queria cantar alguma coisa?

(Conclui na página seguinte)



FILMES
DE
QUALIDADE
EM
QUANTIDADE



Não podia ser eu o vencedor...

(*Continuação da pág.* 16)

consagração esmagadora e, da noite para o dia, o ex-William Beedle (já então assinando o sobrenome Holden) tornava-se "astro" em Hollywood!

— Jamais poderei me esquecer da bondade de Barbara Stanwick para comigo, um ilustre desconhecido! — diz Holden relembrando os sábios conselhos que lhe deu a grande atriz. Como prova de terna gratidão, todos os anos no dia 25 de abril êle manda a Barbara um *bouquet* de rosas vermelhas com o cartão "thank you" porque foi nessa data que iniciou com ela a filmagem de "Conflito de Duas Almas" há 15 anos atrás. Agora, acabam de contracenar novamente juntos em "Executive Suite", a fascinante história de um grupo de homens de negócios em luta com suas ambições. A despeito dêsse laço de amizade que une Bill a Barbara, a maldade hollywoodiana nunca abordou o assunto com malícia, mesmo porque o simpático ator jamais forneceu motivo algum para a *panelinha* das mexeriqueiras profissionais. É muito bem casado desde 1941 com a ex-atriz Brenda Marshall, que abandonou sua promissora carreira para apenas cuidar do lar e com a qual tem dois filhos: Peter, de 11 anos e Scott, de 9. Além disso, Bill adotou legalmente como sua filha a jovem Virginia, de 16 anos, fruto do primeiro casamento de Brenda. Êle é um homem 100% do lar e detesta a vida social. Quando não está filmando — o que é raro — passa o tempo ajudando seus colegas menos afortunados, pois é vice-presidente do "Screen Actors Guild" (espécie de Sindicato dos Atores Cinematográficos). Nunca é visto em *premières,* mas assiste, no mínimo, a um filme por noite, que êle mesmo projeta no cineminha da sua casa. É um dos atores que mais entendem de técnica cinematográfica e, durante a guerra na Coréia, fêz diversas "tournées" pelos campos militares esclarecendo dúvidas dos soldados quanto à Sétima Arte. Ao invés de se preocupar em manter um agente de publicidade para espalhar histórias excêntricas a seu respeito pelos jornais e revistas dos EE. UU., Holden prefere ser conhecido como um ator que leva a sério a sua profissão, mais como um meio de extravasação do seu "ego" artístico do que como um "super-homem" por quem as mulheres suspiram e desmaiam. Contudo, é um dos "astros" que contam com maior variedade de público, pois nunca ouvi alguém dizer que não gostasse de William Holden. Seu trabalho no memorável "Crepúsculo dos Deuses", com Gloria Swanson, ficou na história do cinema e apontaram-no para um "Oscar" que, infelizmente, não ganhou.

— No meu coração eu já lhe havia dado um "Oscar" há muito tempo por essa "performance"! — confesso-lhe. O "astro" abre-se naquele sorriso que é o mais simpático de Hollywood. E murmura:

— *Thank you very much.* Às vêzes, os prêmios do coração são mais valiosos do que os palpáveis!

Pergunto-lhe o que sentiu na noite anterior, quando ouviu seu nome anunciado como o do melhor ator do ano e foi chamado ao palco do "Pantages" para receber o "Oscar".

—— É uma emoção indiscritível! — responde o "astro". — No momento em que Donald O'Connor abriu o envelope lacrado, meu coração estava aos pulos... e pensava: não sou eu, NÃO PODE SER EU! De repente, Shirley Booth grita o meu nome e, meu Deus, tenho a impressão de que os meus ouvidos não estão funcionando bem e fico com receio de levantar e não ser eu... porque NÃO PODIA SER EU! Mas a minha espôsa já está me abraçando... e me empurrando para o palco... e eu acredito, afinal, quando sinto o ouro frio do "Oscar" nas minhas mãos... Um mundo de pensamentos e palavras afloram-me à cabeça e à bôca, mas só consigo murmurar atordoado: "Thank you, thank you, thank you!" Mais tarde, recebi um telegrama de George Seaton (que está dirigindo "The Country Girl"), o qual dizia: *Aquêle último "thank you" foi supérfluo...*

— E o que fêz você depois da cerimônia da Academia? — pergunto-lhe. — Foi festejar em algum *night-club?*

— Não, — diz Bill Holden. — Brenda e eu ceamos na residência de Richard Carlson, depois fomos para casa. Eu estava tão exausto que me atirei no sofá e dormi de *smoking* e tudo. Na manhã seguinte, acordei com um barulho tremendo: eram meus filhos mostrando o "Oscar" à criançada da vizinhança!

O "astro" adianta que colocou a estatueta sôbre a lareira, em lugar de honra e logo depois telefonou a Nova York para congratular Audrey Hepburn, a vencedora das atrizes, a qual convidou para ser "estrêla" do primeiro filme da companhia produtora que acaba de fundar: a "Toluca Pictures". Fico surprêsa:

— Abandonará, então, a Paramount, Bill?

— Não, absolutamente! Esta é a minha *alma mater* e já renovei o contrato por mais 14 anos! Mas produzirei um filme por ano, independentemente, apenas pelo prazer de poder escolher a história, supervisionar a produção, etc.

Satisfazendo a minha curiosidade, Holden esclarece que não fundou a companhia produtora *depois* que recebeu o "Oscar". Êste era um velho plano que tinha em mente e que se concretizou quando regressou do Japão. Não, não pretende dirigir filmes, pois ainda não se considera autoridade no assunto.

— Também, com um Billy Wilder *sôlto por aí,* nunca me aventuraria a competir com êle ! Prefiro contratar seus serviços...

Wilder dirigiu Holden em *Crepúsculo dos Deuses, O Inferno n.º 17* e *Sabrina.* No último, a "estrêla" é a jovem Audrey Hepburn, a melhor atriz do ano passado. A Paramount tem, pois, juntos no mesmo filme, os dois vencedores máximos do "Oscar" de 1953. Sôbre Audrey, Bill Holden só usa palavras entusiásticas para a descrever:

— Contracenando com Audrey sente-se o talento artístico emanando dela como o perfume de uma flor!

Mas não levem a mal o entusiasmo de Holden: o que êle sente pela jovem atriz belga de "A Princesa e o Plebeu" é a mesma admiração que o faz enviar anualmente a Barbara Stanwick um "bouquet" de rosas. É o reconhecimento ao talento de seus colegas porque — ao contrário dos outros "astros" — nunca estará tão concentrado na sua pessoa ou no seu papel para se esquecer dos outros artistas que o cercam. É, enfim, a nobreza de caráter e a simplicidade de um grande ator que achava *que não podia ser êle* o vencedor de um "Oscar" depois de haver interpretado magistralmente a maior variedade de papéis do ano!

NO CAMINHO DA VIDA

(Conclusão da página anterior)

— O senhor está gracejando? Diga-me quando o Mestre G. vai chegar. Tenho de voltar para casa, pois Túlio não demora e ainda não preparei o jantar. Esperava que o senhor pudesse ajudar-me, porém falei demais . . .

O homem ordenou.

— Venha comigo . . .

Ela obedeceu mecânicamente e encontrou-se a poucos passos do palco, vazio e iluminado sòmente com uma lâmpada. Sentiu mêdo diante da platéia vazia e num relance pensou como Túlio desejava, naquele ambiente, conquistar a glória. Teria dado alguns anos de sua vida para que êle conseguisse um triunfo ali. O homem sentara-se ao piano e executara um arpejo.

— Experimente . . .

— Mas o que tem a ver o canto com o que vim fazer aqui? — ela indagou.

— Vamos . . . obedeça.

Lisa não conseguiu fugir dali, obedecendo às ordens daquele estranho. Mas seria um estranho? Por fim compreendeu. Correu até junto dêle e confundida exclamou:

— Mestre! O senhor!

— Cante . . . mesmo que sejam velhas canções . . . cante . . .

Ela indicou uma composição de Schubert. Começou a cantar. A sua voz, a princípio, era trêmula, quase abafada pela emoção e velada pelo verniz do tempo, depois tornou-se segura e brilhante. O mestre tocava de olhos fechados, concentrado para escutar aquela voz preciosa e rara. Quando Lisa acabou, fêz-se silêncio. Lisa teve mêdo, mêdo do silêncio após sua canção na qual pusera a própria alma, tão cheia de lembranças amargas de um passado que não fôra seu, mas de alguém que ela tanto amava e que limitava-se a feri-la com sua indiferença . . . mêdo da platéia escura e estranha, porém mêdo, sobretudo, dos olhos do mestre que a fixavam sem vê-la, que seguiam imagens desconhecidas e invisíveis, num mundo onde não havia lugar para mais ninguém . . .

— A senhora — disse, por fim, o Mestre — virá aqui amanhã, depois de amanhã e todos os dias . . .

Lisa olhou-o sem compreender.

Êle continuou a falar.

— Ninguém tem o direito de destruir ou recusar os presentes que a natureza lhe deu sem cometer um grande pecado de orgulho . . . compreendeu?

— Acho que sim — disse ela baixinho.

— Até mais tarde, então — disse o Mestre.

Lisa aproximou-se e procurou falar. Desejava dizer-lhe mil coisas, explicar-lhe sua juventude de renúncias, seus sonhos destruídos, porém o Mestre paralisou-a com um gesto.

— Não apanhe frio.

E levou-a até a porta. Enquanto caminhava, Lisa pensava como entrara ali tão cheia de temores e como saía agora, terrìvelmente feliz. . . Naquele momento ela tinha certeza de que conseguira livrar-se de um pesadelo. Havia esquecido de Túlio e jamais tornaria a pensar nêle . . .

(Conto de **Lia Pierotti Cei** — Tradução de **Rina Engwer**).

FLASH EUROPEU



ROSSELINI FAZ PLANOS — Enquanto sua espôsa famosa, Ingrid Bergman, arranca aplausos dos parisienses, no teatro. Rosselini faz planos para futuros filmes, usando também o processo «CinemaScope».



LUCIA ESTA DOENTE... — A notícia veio inquietar os fãs da estrêla mais simpática do cinema italiano. Lucia encontra-se enfêrma e proibida de trabalhar. Tão cedo ela não fará filmes, o que é uma pena!



VITTORIO SE FAZ PINTOR — Outro grandé nome do moderno cinema italiano, Vittorio De Sica, sublima agora mais um desejo há tanto recalcado: fêz-se pintor e expôs seus quadros que foram muito aplaudidos.



Jacques Sernas ficará em Hollywood dois anos. Foi escolhido para o papel de Páris no CinemaScope «Helena de Tróia».



AMEAÇARAM (de morte) À SILVANA — A belíssima atriz Silvana Pampanini, cujos atributos físicos a foto demonstra, foi recentemente surpreendida com uma ameaça de morte. A «estrêla» italiana limitou-se a sorrir...

Kerima é descoberta do cineasta inglês Carol Reed. A moça tem talento e vai prová-lo em «A Lôba», produção italiana.



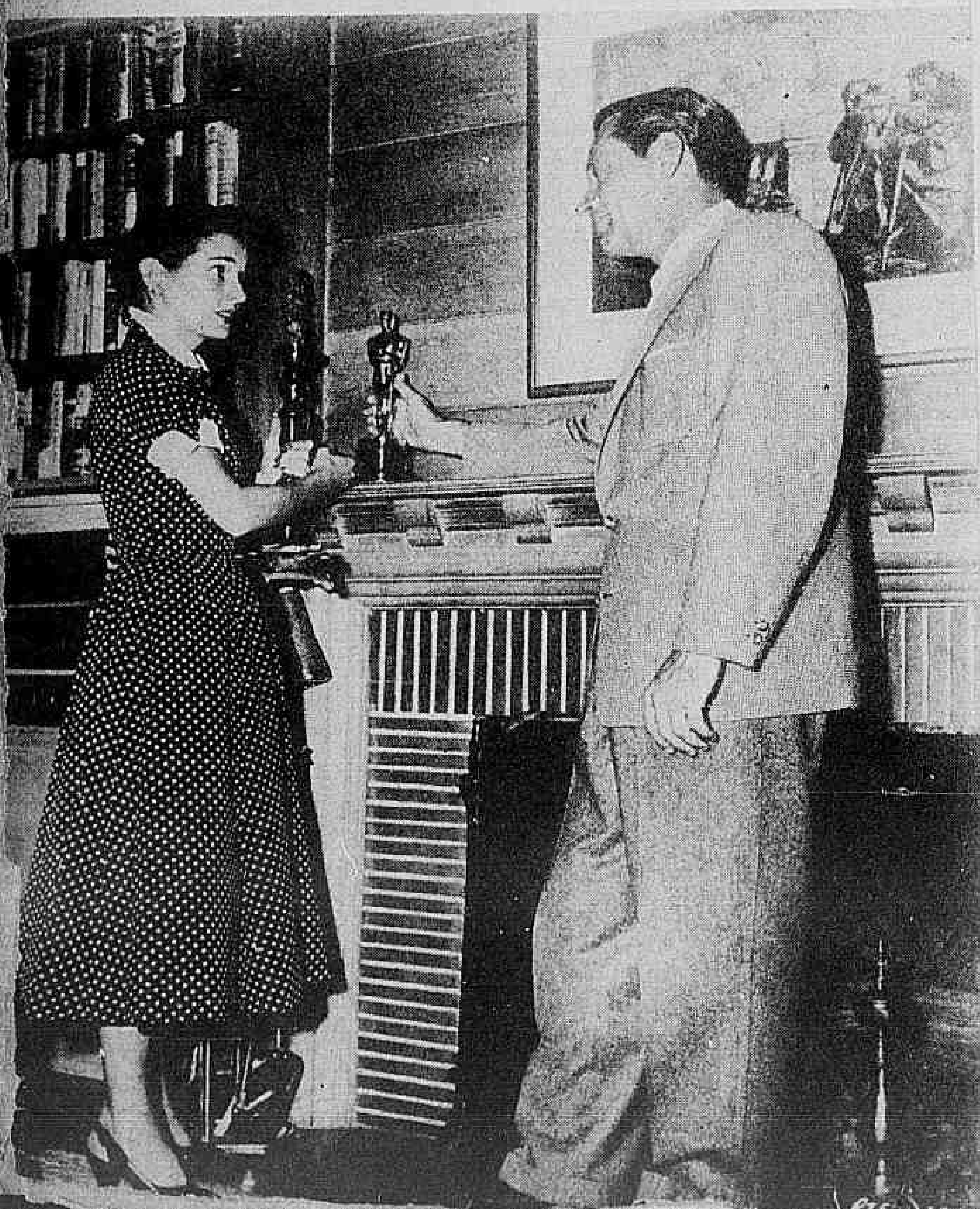


Para William Holden a noite do «Oscar» foi a mais emocionante de sua vida!

NÃO PODIA SER EU O VENCEDOR DO "OSCAR"!

Por MARY LINN

Holden sugere e Brenda concorda que o «Oscar» fique sôbre a lareira...



O vencedor do "Oscar" de 1953 como o melhor ator do ano é, provàvelmente, o homem mais ocupado de Hollywood. Fui entrevistá-lo no dia seguinte à entrega dos prêmios da Academia e encontrei-o mergulhado numa pilha de telegramas e "scripts".

— Não sei o que faço primeiro, — disse William Holden sorridente, — se leio os telegramas ou estudo os diálogos das próximas cenas...

Os telegramas eram mensagens de congratulações de outras celebridades como Gary Cooper, Deborah Kerr, Audrey Hepburn, Burt Lancaster, etc. por ter Holden arrebatado a cobiçada estatueta na noite anterior. A opinião geral do pessoal do estúdio é "it couldn't happen to a nicer guy", o que espelha claramente a afeição que todos sentem por êsse homem "que não parece um famoso "astro" de cinema". Em seus 14 anos como contratado da Paramount, Bill Holden jamais deu uma dor de cabeça à companhia. "Êle é bom demais... e os bons nunca vencem!" — disse certa vez Cecil B. De Mille quando a Paramount começou a "emprestar" Holden a outros estúdios para filmes que não estavam à altura do seu talento. Holden jamais se queixou dessa injustiça, mesmo porque — como me confessou — "tudo era experiência para mim e um ator vive de experiências!" Entretanto, êle provou que De Mille estava errado e que, apesar de ser uma cidade cínica e fútil, Hollywood também sabe dar valor aos verdadeiros talentos. O prêmio ao esfôrço de Bill Holden veio em 1953, com papéis marcantes em filmes inesquecíveis como "O Inferno n.º 17" (que lhe valeu o "Oscar"), "No Entardecer da Vida" (com Ginger Rogers), "O Demônio de Forte Bravo" (com Eleanor Parker) e "Ingênua até certo ponto" (Com Maggie Mac Namara). Para 1954, Holden tem mais quatro grandes películas: "Executive Suite" (Barbara Stanwick e grande elenco), "Sabrina" (Audrey Hepburn e Humphrey Bogart), "The Bridges of Toko-Ri" (Grace Kelly e Fredric March) e "The Country Girl" (Grace Kelly e Bing Crosby).

— Você parece um dínamo — disse-lhe eu, quando conversávamos em seu camarim na Paramount, num intervalo de filmagem de "The Country Girl", a notável peça de Clifford Oddets. O "astro" ri gostosamente e retruca:

— Não pareço... *sinto-me* como um dínamo! Veja só: no mesmo dia em que terminei na Metro "Executive Suite", às 6 da tarde, às 7 já estava num avião com destino a Nova York, onde Billy Wilder me esperava para iniciar a filmagem de "Sabrina", cuja cenas exteriores fizemos em Wall Street e no Central Park! Viemos completar a fita no estúdio e, mesmo antes de terminá-la, recebi o "script" de "The Bridges of Toko-Ri", que seria feito *in location* no Japão! Lá fui eu para Tóquio, com a promessa da Paramount de que, assim que completasse o filme, teria 2 meses de férias, parte dos quais passaria no Brasil, uma vez que fôra convidado a participar do Festival de Cinema de São Paulo. Mas, sabe o que aconteceu? O estúdio decidiu adiantar a filmagem de "The Country Girl" porque daqui por diante pretende só usar o processo "Vista Vision" (tela panorâmica) e aquela fita ainda estava escalada para branco e prêto, sistema comum. Resultado: ao terminar "Toko-Ri", eu já me encontrava com o "script" de "Country Girl" na mão, escalado para começar dali a dois dias... E eu já estava com o visto no passaporte, malas prontas e **ATÉ VACINADO** para seguir para o Brasil!

No momento, "The Country Girl" encontra-se na sua fase final e — Bill bate na madeira... — êle espera que não lhe passem outro "script" à mão tão cedo! Seus planos? Ir para um lugar bem êrmo, longe de tudo e de todos, apenas com a espôsa ao seu lado, a fim de passar os dias pescando, comendo e dormindo... Êle não revelou o nome do local, talvez com receio de que o estúdio o mande buscar! O que não seria difícil, considerando-se que é hoje a *propriedade* masculina mais valiosa da Paramount. Os produtores disputam-no para seus filmes porque Bill Holden tornou-se conhecido como o ator que nunca compromete um papel, seja êle romântico, cômico ou altamente dramático. Em seus 16 anos de cinema, Bill já teve filmes fracos, mas nunca uma interpretação medíocre. Aliás, êle já começou do alto, como "astro" de primeira categoria, quando foi "descoberto" pela Paramount representando no palco da "Pasadena Playhouse" (escola de arte dramática). *Emprestado* à Columbia, estreou no cinema já como galã de Barbara Stanwick no inesquecível "Conflito de Duas Almas", no qual interpretava brilhantemente um jovem *boxeur* com vocação para violinista. Foi uma

(Continua na pág. 32)

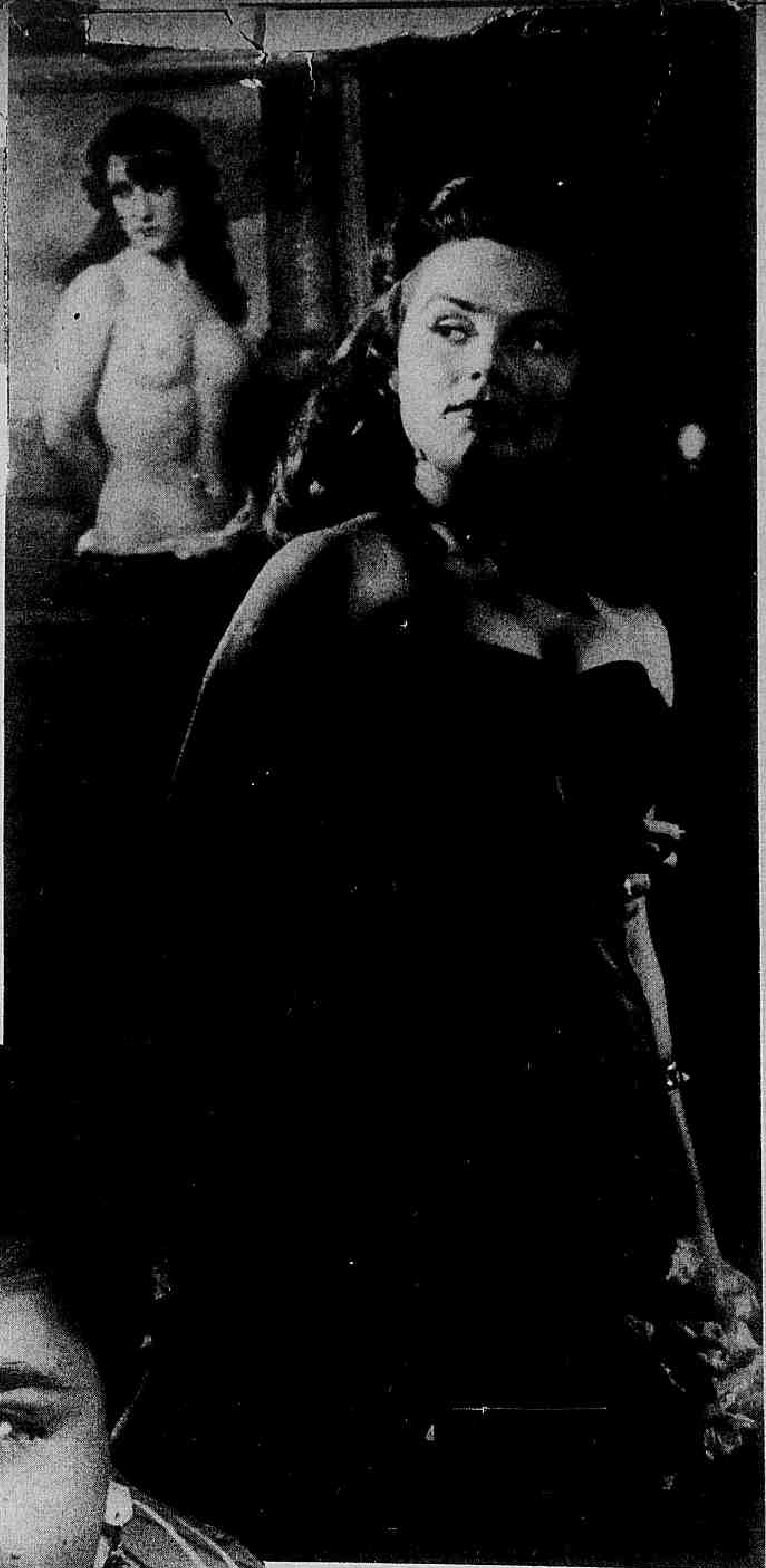


William Holden achava que **NÃO PODIA SER ELE** o vencedor de um «Oscar», depois de haver interpretado magistralmente a maior variedade de papéis do ano! Com isso dava uma prova de sua simplicidade

CINEMA NACIONAL EM FOCO



ARTURO DE CORDOVA, OUTRA VEZ... — Está no Brasil pela segunda vez o astro do cinema mexicano, Arturo de Cordova, contratado pelc produtor Roberto Acácio para o principal papel da película nacional «Mãos Sangrentas». Cordova deverá permanecer no Brasil durante três meses





OUTRO PAPEL FORTE PARA ELIANA — A Atlântida rodou nos estúdios da Multifilmes as cenas principais de «A Outra Face do Homem». O filme proporciona outro papel forte para Eliana.

VANJA, DELICIOSA REALIDADE — Nesse ambiente (do cinema brasileiro) sem animação, Vanja Orico é uma deliciosa realidade pelo muito de esperança que ainda consegue colocar em nossos corações...



CAVALCÂNTI FOI PARA LONGE... — Cavalcânti aproveitou um convite do govêrno da Tchecoslováquia para viajar durante algum tempo, fugindo à monotonia do atual cinema brasileiro, do qual êle guarda, agora, amargas lembranças.



RUTE DE SOUZA SE VAI TAMBÉM... — Rute de Souza aceitou convite e vai tentar a sorte longe daqui.



CYLL VIAJA ANTES DE CASAR... — Partiu para a Alemanha Cyll Farney, que ali deverá participar das cenas finais de «Paixão Selvagem».



ILKA PREPARA O ENXOVAL — Depois de Eliane Lage e Tom Payne, cujo bebê foi recebido com muito carinho pelos fãs, chegou a vez de Ilka Soares e de Anselmo Duarte, muito breve orgulhosos papás...



ANSELMO TAMBÉM VAI... — A exemplo de Alberto Ruschel, convidado para filmar no estrangeiro, Anselmo também não demora a embarcar para o México.

COSTELLO ACUSA A ACADEMIA

(Uma nota do correspondente TEDDY LEWIS)



Alguns dias após a entrega das famosas estatuetas de ouro da Academia de Artes e Ciências de Hollywood, encontrei-me com o comediante Lou Costello nos estúdios da Universal-International e o simpático **gordinho** da dupla Abbot & Costello fêz-me uma série de declarações que não deixam de ter a sua razão de ser.

— Há um **Oscar** para o decorador do **set** e outro para o encarregado de **efeitos** especiais, como o de usar barquinhos-miniaturas dentro de uma banheira para dar a idéia de navio em alto-mar, mas... NENHUM PRÊMIO aos cômicos que têm salvo muitos estúdios da bancarrota! — disse Lou Costello indignado. E prossegue resmungando: Robert Strauss foi candidato por "O Inferno n.º 17", mas êle é mais um ator característico do que pròpriamente cômico. Danny Kaye, Red Skelton, Bob Hope e tantos outros têm-nos dado **performances** magistrais em muitos filmes, mas ninguém se lembra sequer de citá-los para um prêmio! E que tal Jerry Lewis em "The Stooge"? Não foi uma interpretação inesquecível? Acho que merecia um **Oscar** como o melhor comediante do ano. Por que não criar um prêmio nesta categoria? Já é tempo da Academia se lembrar de que **arte** não se resume apenas em dramas e tragédias, mas também... e muito... nas comédias bem engendradas e bem interpretadas, que fazem o público esquecer as suas atribulações!

Lou Costello tem bastante razão nas suas afirmativas. Aliás, bem antes do seu protesto, a Associação dos Correspondentes Estrangeiros de Hollywood já havia criado um prêmio especial **(Globo de Ouro)** para ser entregue não só ao melhor ator dramático, como ao melhor comediante do ano. Espera-se, pois, que diante dos justos protestos do conhecido **gordinho,** a Academia resolva seguir o exemplo da nossa associação. A propósito: Lou Costello encontra-se afastado do cinema desde fins do ano passado, quando completou o filme "Abbot & Costello no Planêta Marte", pois encontra-se bastante doente.



QUÊDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqùenta anos

BELINDA (Jane Wyman) ESTÁ DE VOLTA!

Por PHIL TRAVIS





Desde que li a novela "So Big", de Edna Ferber, convenci-me de que se algum dia Hollywood aproveitasse o tema para um filme, Jane Wyman seria a escolhida para interpretar Selina De Jong, personagem central de tôda a história que se desenrola entre os anos de 1898 a 1920.

Meses mais tarde, a Warner anunciou que adquirira os direitos da novela de Miss Ferber e que a "estrêla" seria Jane Wyman. Tive assim dupla satisfação. Tenho acompanhado com interêsse a carreira de Jane Wyman e posso dizer que o papel me pareceu escrito especialmente para ela. Antes do sucesso estrondoso de "Belinda", Jane Wyman era uma "estrêla" mais ou menos desconhecida que ambicionava um grande papel para demonstrar seu inato talento dramático. "Belinda" marcou sua carreira com a vitória maior que o "Oscar" da Academia completou, dando-lhe um merecido lugar entre as maiores atrizes da tela. Logo após recebeu menções honrosas por suas atuações em "O Véu Azul" e "Virtude Selvagem", êste último um drama sentimental cujo cenário é o campo e em cuja história Jane Wyman interpretava uma figura que se assemelha em parte com esta que ela faz vibrar em "So Big".

Naqueles mesmos estúdios (Warner) onde ela começara como extra, Jane teve a grande alegria de chegar a "estrêla" e com o tempo veio a ser uma de suas mais altas expressões. Isso não influiu, porém, na sua maneira de ser. Ela continua a mesma criatura simples. Sòmente uma coisa foi afetada com o seu sucesso no cinema: o casamento. Jane não foi muito feliz depois que a fama envolveu-a com seu manto às



Selina DeJong vivia ùnicamente para o seu lar onde o filho e o espôso eram as razões de seus sonhos de felicidade...



Jane Wyman volta em «So Big» à sua condição de grande atriz dramática, reeditando aquela atuação que a tornou famosa: Belinda...



Selina DeJong, mulher do campo, afeita às intempéries, sempre confiante no futuro do filho que era seu único tesouro...



Quando seu filho nasceu, Selina compreendeu que Deus não lhe negara os sonhos da juventude. Ela o faria forte e feliz...



Rádio

JIM LOPES

MANÈZINHO DEIXA O RÁDIO



Para os que gostam, como nós, de observar as coisas, o gesto de Manèzinho Araújo, abdicando de sua carreira no rádio pela direção de um restaurante com comidas típicas do Norte, é um exemplo que deveria ser imitado, mais cedo ou mais tarde, por todos aquêles que negam uma verdade: renovar ou morrer.

Disse Manèzinho a certo cronista, e o fêz com muita sinceridade, que o rádio fôra muito bom para êle, mas que se tornava com o correr do tempo, necessário cuidar do futuro. Homem inteligente, Manèzinho não se deixara influenciar pelo histerismo do auditório que aprende com rapidez a gritar novos nomes, pouco se lhe importando que sejam Antônio ou Manuel, Maria ou Helena... Manèzinho apesar de artista, sempre foi consciente de que as coisas passam e com elas se vão aquêles cujo lugar está na cogitação dos moços, os que vieram ao mundo muito depois, porém os verdadeiros donos do amanhã...

Não se deve pôr tristeza no coração com a retirada de Manèzinho. Êle merece muita alegria na despedida simbólica, porque, grande nome que foi da música popular, jamais será esquecido, quando muito pôsto na memória entre outros que merecem nossa eterna admiração. Seu exemplo é raro, bem sabemos. O rádio precisa dêle, agora mais do que nunca, para aliviar-se de tantas culpas. Enquanto Manèzinho tem um gesto dêsse quilate, um moço chamado Cauby faz mocinhas desmaiarem quando canta... É a lei das compensações, que o rádio, aliás, tem sentido como ninguém...

O QUE VAI PELO RÁDIO...



Homero Marques canta em dupla com a noiva: Sandra Samarah. Nacional de São Paulo.

- Foi desmentido o boato que dava como certa a saída de Simone Morais do elenco da Rádio Guanabara.
- Com a saída de Brandão Filho da Rádio Nacional, Zé Trindade, cômico da Mayrink, ocupou-lhe o lugar. Tem tido êxito na difícil missão de substituir um artista como Brandão.
- Orlando Correia, valor da música popular, deverá viajar para a Argentina onde atuará na Rádio Belgrano.
- Outro que conhecerá Buenos Aires e por certo fará sucesso é Valdir Azevedo que levará seu famoso conjunto. O autor de «Delicado» aproveita o tempo enquanto a Mundial não vem...
- Por falar em Mundial, os boatos sôbre a nova emissora sucedem-se com o passar das semanas. Dizem que Jonas Garret e Luís de Carvalho animarão um programa de auditório naquele futuro microfone carioca.
- Hélio Tys, que tentara fazer cinema nacional em São Paulo, voltou ao Rádio e ao Rio. Está na Tupi escrevendo, entre outros, «Minha Rua é Assim», transmitido às quintas-feiras, às 20,35.
- Wilton Franco, animador da Tupi, vai fazer cinema em São Paulo. Participará do elenco do filme «Mãos Sangrentas» e contracenará com Arturo de Cordova. Grande oportunidade para o Wilton.
- Luís Quirino deixou as Associadas do Rio e resolveu fazer a praça em São Paulo.



Zé Trindade, que substituiu Brandão Filho com êxito, atua ao microfone da Mayrink e da Nacional.

Alcides Gerardi não se importa com o tempo. Continua cantando como sempre: muito bem:



- Vai casar-se o locutor da Tamoio, Rui Viotti.
- Lúcio Alves desistiu de concorrer ao título de «Rei do Rádio». Era candidato de imensas possibilidades, na opinião de gente entendida no assunto.
- Angela Maria continua sendo o grande cartaz do momento no rádio carioca. Está fazendo frente — em popularidade — à própria Emilinha Borba. Sem falar na Marlene, que é outro grande cartaz do microfone.
- O programa «Samba e outras coisas», de Henrique Batista, comemorou com festa os seus vinte anos: vitória de um ideal.
- Está causando sensação o caso da cantora Lana Bitencourt, que dizendo-se solteira, apareceu como casada e separada do marido, que armou escândalo...
- Ester de Abreu faz sucesso com o fado «Rosinha dos Limões».
- Olivinha vai casar mesmo com Afrânio Rodrigues.



O CINEMA REVIVE GLENN MILLER

Por ELLIOT KENDALL



HISTÓRIA PITORESCA DE UM FILME QUE NASCEU POR ACASO...

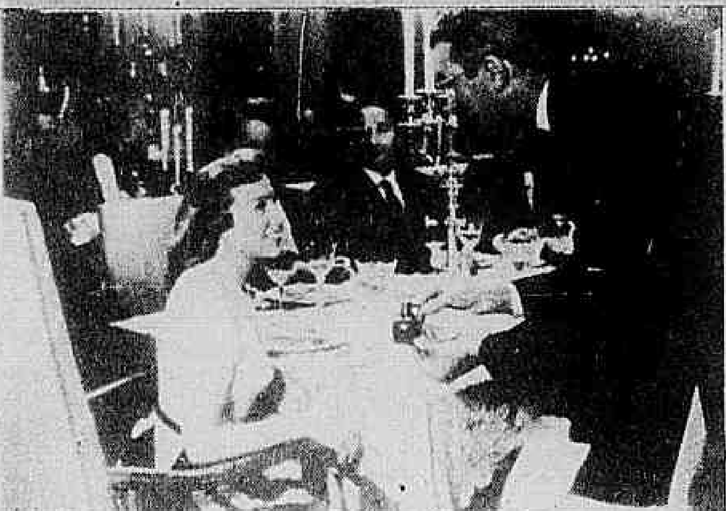


JAMAIS poderia supor o publicista de Washington, Edward Kirby, que uma simples pergunta sua movimentaria Hollywood para a realização de um filme. Kirby era amigo de John Horton, representante da Universal, e como velhos amigos haviam feito de um rápido encontro motivo para algumas horas de palestra com trocas de impressões que acabaram abordando o cinema. Kirby conhecera Glenn Miller pessoalmente e por certo sempre desejara vê-lo biografado pelo cinema. Daí sua pergunta a Horton, feita aliás com alguma estranheza:

— Por que ainda ninguém se lembrou de fazer um filme sôbre a vida de Glenn Miller?

Horton não soube responder. Ninguém o saberia naquela altura. Desde que Glenn fôra dado como desaparecido, oficialmente, pelas autoridades inglêsas e anunciada sua morte trágica ao mundo que aprendera a admirá-lo como chefe de orquestra e grande músico, sua figura passara automàticamente para a agenda dos produtores cinematográficos como um bom assunto. Certo é que nenhum produtor de Hollywood aventurara-se a realizar o filme e o tempo correra até ali permanecendo Glenn Miller apenas como boa idéia.

A pergunta de Kirby provocou em Horton um interêsse particular pelo assunto e, naquela mesma tarde, quando telegrafou aos estúdios da Universal comunicando o andamento dos negócios, êle incluiu a sugestão do filme sôbre Glenn Miller. Hoje êle confessa que o fêz movido por uma fôrça interior, porém não acreditava que seus chefes dessem muita atenção ao fato. Enganara-se, porque William Goetz, chefe de pordução da Universal, gostara da idéia e entrara em ação imediatamente. O Departamento de Histórias recebeu a incumbência de preparar um argumento sôbre a vida do famoso músico, enquanto outro Departamento, o Jurídico, encarregava-se de entrar em contato com Hellen Miller, viúva de Glenn, para que esta consentisse na filmagem. Goetz estava esperançoso de obter a permissão, embora soubesse que outros haviam tentado a mesma coisa sem sucesso.



Não foi fácil a tarefa dos advogados do estúdio junto a Helen Miller. Ela desejava que seu falecido espôso surgisse na tela com o seu verdadeiro caráter e não apenas como figura de fantasia. Sabia-se, então, que não seriam permitidas inverdades no argumento. Valentine Davies, que escrevia o argumento, teve seu trabalho redobrado, mas com o correr das semanas ia dando forma à história e lhe parecia estar experimentando a sua mais extraordinária esperiência como escritor cinematográfico.

Don Haynes, antigo administrador de negócios de Glenn Miller, sua espôsa, Polly Haynes, que fôra secretária particular do famoso músico, mais Chummy McGregor, pianista da antiga orquestra e um dos mais íntimos amigos de Miller, foram contratados pelo estúdio para colaborar no enrêdo. Suas observações pessoais, os casos pitorescos que podiam contar, seus momentos mais íntimos com Glenn Miller, serviram a Valentine Davies para a confecção do roteiro cinematográfico. Depois de pronto, Helen Miller leu e aprovou. Tudo caminhava a contento. Tudo, menos o problema do elenco.

Com seu entusiasmo pelo filme, William Goetz esquecera êsse detalhe importante, transmitindo o problema ao produtor Aaron Rosemberg, que encontrou a solução pensando em James Stewart. Quando êle procurou Mrs. Miller para propor-lhe o nome de James, ela recebeu a sugestão sem demonstrar surprêsa. Também havia pensado no mesmo artista para o papel.

Aaron Rosemberg não procurou logo James Stewart para fazer o convite oficial. Êle desejava saber primeiro suas reações favoráveis. Como produtor tem uma «filosofia cinematográfica» própria: acha que se o artista não se entusiasma pelo papel, dificìlmente conseguirá interpretá-lo bem.

Assim, Aaron convidou James para um jantar e durante o mesmo não falou do filme. Limitou-se a contar passagens pitorescas da vida de Glenn Miller, estudando as reações do conhecido «astro» de Hollywood. Jimmie ouvia tudo calmamente, demonstrando um interêsse razoável pelo que Aaron relatava cheio de entusiasmo.

Uma semana depois, Aaron Rosemberg teve uma verdadeira surprêsa. O telefone do escritório no estúdio tocou. Era James Stewart. Êle soubera dos planos para o filme sôbre Glenn Miller e que Anthony Mann deveria ser o Diretor. Candidatava-se ao papel . . .



Valentine Davies, autor do argumento, tem muita coisa interessante para contar e o faz com emoção sempre renovada. Sua tarefa era fugir o mais possível da fantasia. Diz êle que o romance entre Miller e Helen ajudou bastante a manter o interêsse da história, porém teve que intercalar incidentes que embora verdadeiros, dificìlmente o público acreditará que o sejam na realidade. Cita como exemplo típico o fato de 2.000 pracinhas norte-americanos, soldados inglêses, enfermeiros e mulheres do Corpo Auxiliar Feminino, terem se recusado a abandonar o recinto onde a orquestra de Glenn Miller animava um «show», embora Londres àquela hora e naquela área estivesse sendo duranmente bombardeada.

Gente famosa do mundo musical não se furtou a colaborar com o filme, fazendo-o em homenagem ao colega Miller, tão amigo de todos êles. Assim, aparecem Benny Goodman, Harry James, Gene Krupa, Louis Armstrong, Casy Cole, Barney Biggard e Babe Russin.

Os realizadores do filme que revive Glenn Miller acham que a nota marcante da película é a atuação de James Stewart. Para êles, Jimmie assimilou o papel como grande artista que é. Viveu na tela, realmente como o famoso músico. Segundo êle próprio declara, é um dos grandes filmes de sua carreira. Fêz questão que fôsse assim, como preito de saudade ao músico que também admirava, aquêle que foi ídolo de uma geração e verdadeiramente grande no seu mundo: GLENN MILLER!



Glenn Miller reviveu na arte de James Stewart: a semelhança surpreendeu Hollywood!



MARILYN: sua teimosia criou outra rival...

SHEREE NORTH

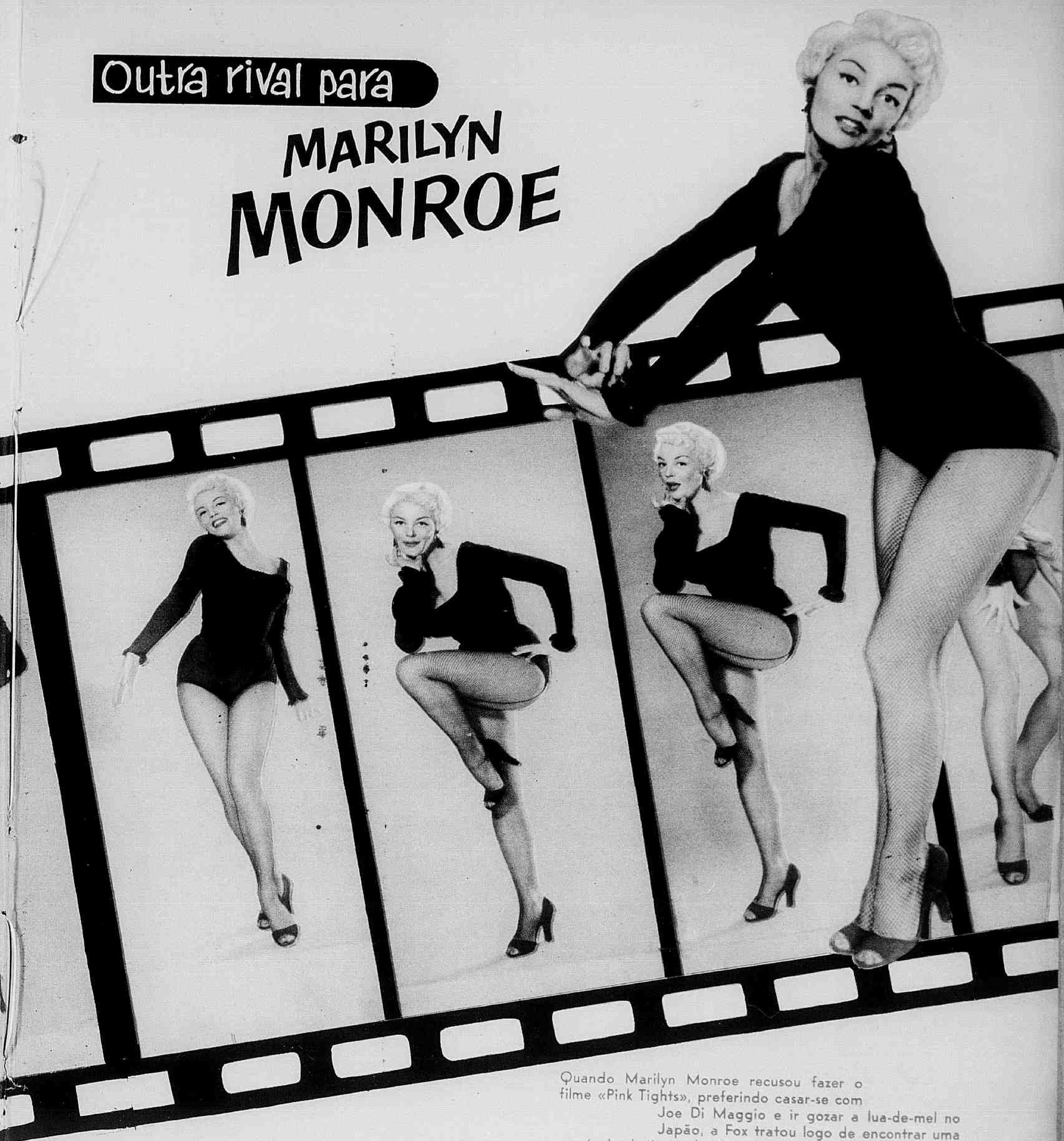








Outra rival para MARILYN MONROE



Quando Marilyn Monroe recusou fazer o filme «Pink Tights», preferindo casar-se com Joe Di Maggio e ir gozar a lua-de-mel no Japão, a Fox tratou logo de encontrar uma possível substituta da «loira atômica», caso ela resolvesse abandonar o cinema ou continuasse na sua teimosia de não filmar. Inúmeras candidatas foram submetidas a «tests» e a vencedora foi a bailarina Sheree North, cujo talento e plástica a «seqüência» destas páginas bem revelam...

barbara-jeff: o



Barbara Rush tem seu primeiro grande papel no cinema ao lado do risonho «galã» Rock Hudson.

completo de hollywood

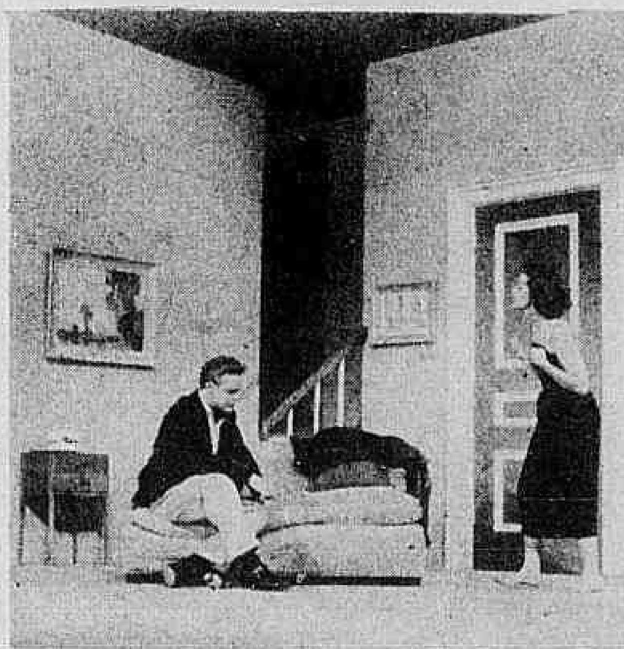
Por GUS ADAMS



Jeffrey Hunter considera-se um marido feliz...



Barbara diverte-se com Rock Hudson e Mammie Van Doren...



Barbara, atriz dramática, no palco é um sucesso...

Tenho certeza de que pouca gente no Brasil tomou conhecimento de que o nosso país está sendo visitado pela maior atriz da nova geração hollywoodiana. Porque, na verdade, de todo o grupo que participou do Festival de Cinema de São Paulo, Barbara Rush é, certamente, a mais novata para os «fans» da Sétima Arte. Com apenas meia-dúzia de filmes exibidos no Brasil — simples aventuras coloridas como «O Fim do Mundo», com Gene Barry, «O Príncipe dos Piratas», com John Derek, «Flor de Sangue», com Corinne Calvet e o 3ª dimensão «Veio do Espaço», com Richard Carlson — a jovem Barbara não teve, pois, a menor oportunidade de revelar seu inato talento dramático que a California conhece através de suas criações no palco desde a idade de 10 anos. Agora, finalmente, a Universal resolveu elevar a sua contratada à categoria de «estrêla» de primeira grandeza, colocando-a ao lado de Jane Wyman na nova versão de «Sublime Obsessão» e com Tony Curtis e David Farrar na grande produção em Cinemascope «The Black Shield of Falworth». Em fins de 1953, a Universal encenou — como faz anualmente — o seu «show» «Inside U.I.», que constitui um festival de arte dramática no qual os jovens artistas do estúdio fazem uma espécie de exame perante os mais abalisados críticos, professôres, produtores, técnicos e jornalistas do mundo inteiro. Neste recente espetáculo, Barbara cantou, dançou e representou cenas altamente dramáticas das peças de Clifford Odets «Country Girl» e «The Big Knife» e, no final do «show», os espectadores saíram impressionados com o seu talento e versatilidade, ainda virgens na tela. No dia seguinte, representantes da imprensa internacional reuniram-se para conceder a Barbara Rush um prêmio especial como «a mais promissora grande atriz do cinema americano». Algumas semanas depois, recebia ela a medalha da revista «Photoplay» e a consagração de tôda a colônia hollywoodiana que, só então, tomava conhecimento «oficial» da existência de mais uma grande «estrêla» na constelação cinematográfica. Barbara recebeu tôdas as homenagens co mo seu meigo sorriso nos lábios. Nada daquilo era novidade para ela. Quando ainda colegial na Universidade da California, em Santa Barbara, também fôra premiada como a melhor atriz do ano por sua interpretação de «Birdie» em «Pérfida» (The Little Foxes) e, ao completar o curso, recebera uma bôlsa de estudos na famosa «Pasadena Playhouse», uma das melhores academias dramáticas dos Estados Unidos. De lá para o cinema foi um pulo. Mas vendo a sua aparência suave e doce — em que a beleza clássica misturava-se a uma contagiante vivacidade — os estúdios que a contrataram (Paramount e Columbia) apenas a aproveitaram como «figura decorativa» dos filmes, ignorando que Barbara ocultava um manancial inesgotável de talento. Após o festival do ano passado, porém, os demais produtores passaram a disputar Barbara Rush para os seus filmes, enquanto que a Universal — que agora a tem prêsa a um contrato de 7 anos — recusa-se a «emprestar» a garôta de ouro do seu «Inside U.I.» Casada com o jovem ator da Fox, Jeffrey Hunter, que a acompanhou ao Brasil, Barbara Rush forma com êle um dos mais simpáticos casaizinhos da Meca do Cinema. Ambos têm um filhinho de ano-e-meio (Christopher), cujas peraltices enchem de alegria o lar dos Hunter. Apesar de ser pai de família aos 28 anos, Jeffrey Hunter não perdeu para as «fans» aquela envolvente atmosfera romântica que emana da sua pessoa. Alto, moreno, cabelos negros e olhos azuis, o jovem galã da Fox é um verdadeiro «dreamboat» das garôtas americanas, embora êle venha se esforçando para vencer também como bom ator, segundo provou em filmes como «Belles on Their Toes», com Jeanne Crain, «O Grito do Pântano», com Jean Peters, «Sailor of the King», com Michael Rennie e, mais recentemente, em «Three Young Texans», com Mitzi Gaynor.

Quando Tony Curtis e Janet Leigh anunciaram que não poderiam ir ao Festival de Cinema de São Paulo, sugeri ao Jorge Guinle que convidasse Barbara e Jeffrey Hunter, atual «doce de tôda festa» em Hollywood. A beleza, mocidade, simpatia, cordialidade e educação de ambos popularizaram-nos de tal maneira entre os seus colegas, que eu tinha certeza do seu sucesso para elevar o moral da delegação americana que já contava com tantos veteranos «reumáticos»... E pelas cartas de apoio que já recebi dos leitores brasileiros, tenho certeza de que a minha previsão deu certo. Porque o fato é que o cinema constitui uma arte jovem por excelência e necessita de mais elementos como Barbara Rush e Jeffrey Hunter, onde o talento e a beleza mesclam-se harmoniosamente.

GRANDE HOTEL PRATA



Entre as riquíssimas fontes hidrominerais de que é fértil o Brasil, as ÁGUAS DA PRATA são de resultados surpreendentes nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza agreste e pitoresca, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DO PRATA oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Retiro", "Fonte do Paiol", **"Fonte Vilela"**, "Pedra Balão" e muitas outras de riqueza paisagística sem igual. À natureza juntou a mão do homem outros atrativos e comodidades, capazes de satisfazer o mais exigente aqüista. Fonte Vilela — poderosa água radioativa com 89 matchs de radioatividade, para a cura das moléstias dos rins.



O mais bem montado da Estância, com 55 apartamentos e 55 quartos confortàvelmente mobiliados e telefone em todos os aposentos, está situado a dois passos das principais fontes de água mineral e responde a todos os requisitos modernos. Para divertimento e comodidade de seus hóspedes dispõe de Salão para crianças, para chá e jogos; ótimo salão de Estar e para Festas; Cinema modernamente instalado; Bilhar e Snooker; Barbearia e Manicure.



COZINHA DE 1ª ORDEM e REGIMENS DIETÉTICOS



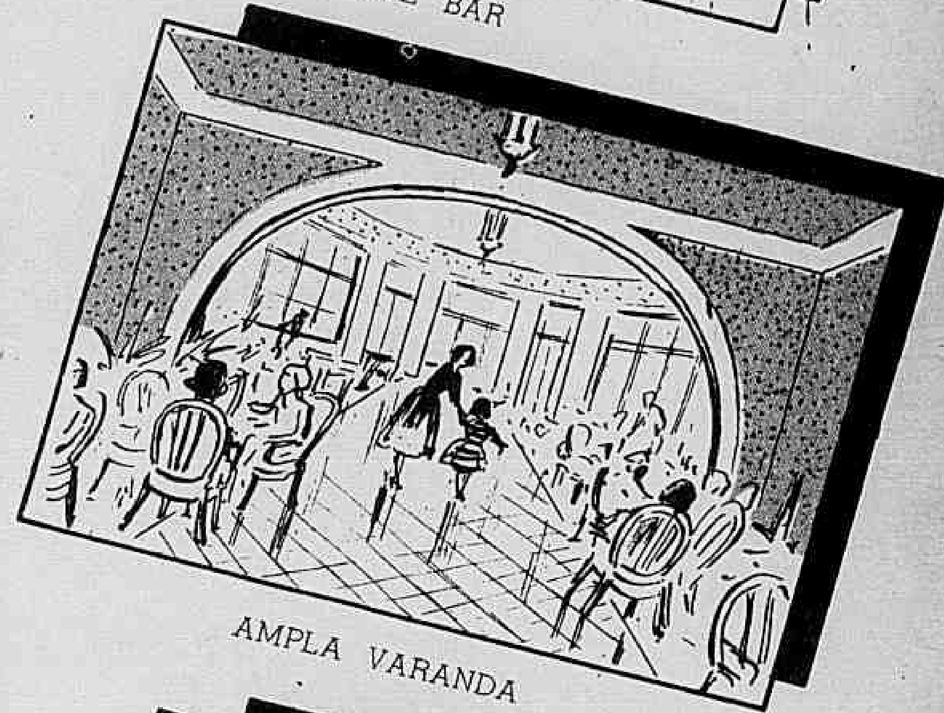
RESERVA DE APOSENTOS

Pelas Emprêsas de Turismo ou diretamente para o GRANDE HOTEL PRATA, Águas da Prata, Estado de São Paulo por carta, telegrama ou pelos telefones 20, 4 e 29. Águas da Prata é servida pelas magníficas emprêsas de ônibus EXPRESSO BRASILEIRO VIAÇÃO LTDA. e VIAÇÃO COMETA S. A.

DESCONTO DE VINTE POR CENTO DE 1º DE MAIO A 31 DE DEZEMBRO



EXCELENTE BAR



AMPLA VARANDA



SALÃO DE REFEIÇÕES

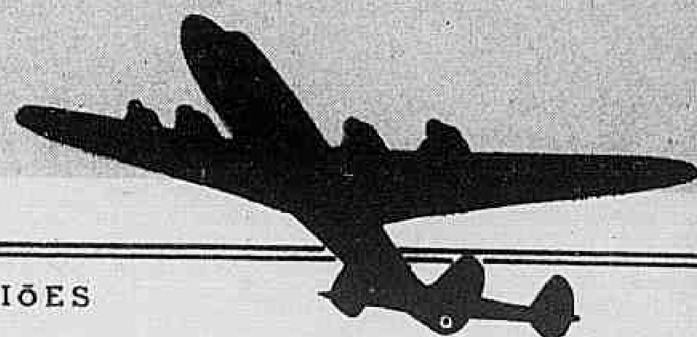




ÁGUAS DA PRATA

(ESTADO DE SÃO PAULO)

"A VICHY BRASILEIRA"



AVIÕES

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via São Paulo

★ Rio de Janeiro para Poços de Caldas — via B. Horizonte

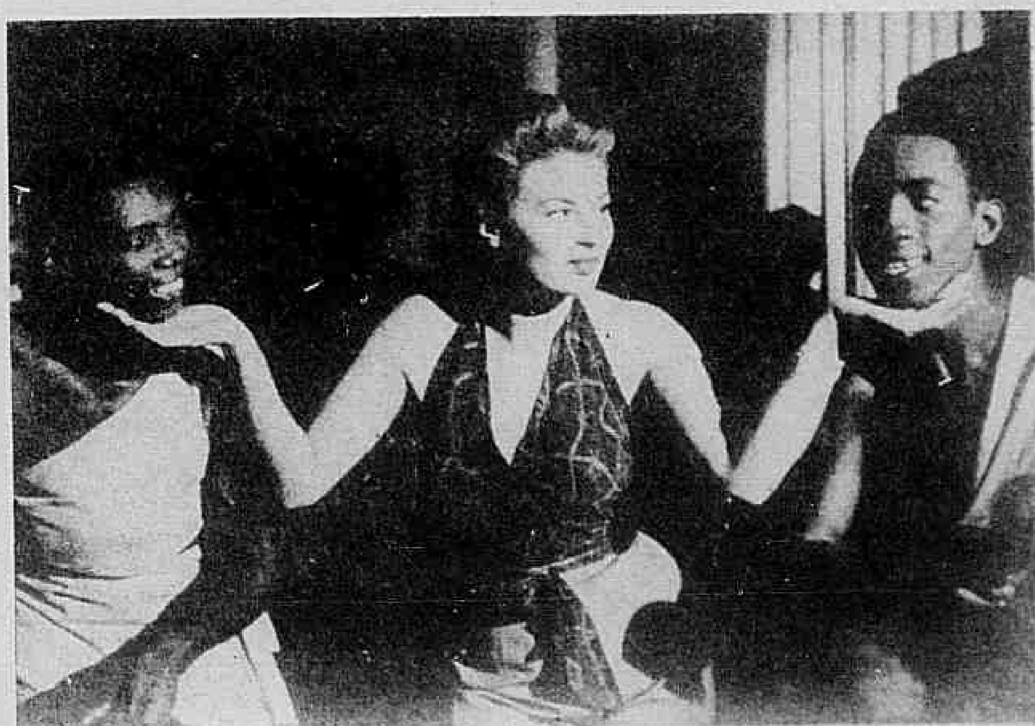
(do aeroporto a Águas da Prata em 30 minutos de automóvel)

OUTRA VEZ SILVANA MANGANO



Lançada por Giuseppe De Santis em "Arroz Amargo", em pouco tempo Silvana Mangano era considerada a atriz mais sensual do sensualíssimo cinema italiano. Fotografias suas foram estampadas nas capas de revistas e primeiras páginas dos jornais do mundo inteiro, provando o vertiginoso de sua carreira que assim começou gloriosamente. Silvana Mangano estêve algum tempo afastada dos estúdios para ser mãe, e orgulhosa de seu feito, regressa agora de maneira espetacular. "Anna", a história de uma jovem de rara beleza e extrema sensualidade que deixa uma vida de prazeres para experimentar a amarga realidade do claustro, é outra afirmativa do talento dramático de Silvana Mangano, artista que deseja ser olhada também pelo talento, e não ùnicamente pelo físico algo estonteante que tanto sucesso alcançou desde que apareceu no cinema. Dirigida por Alberto Lattuada é certo que Silvana Mangano realize seus sonhos de artista, pois o argumento de "Anna" oferece-lhe magnífica oportunidade para demonstrar que é antes de tudo uma atriz, verdadeira "estrêla" e que o físico e rosto expressivo, são atributos secundários. Mas serão mesmo? (Fotos Art Films).





Anna era uma jovem da vida mundana que torna-se freira. Um grande papel para Silvana Mangano!.

Silvana Mangano quer provar que não possui apenas um físico espetacular. Tem talento também!

AS ESTRÊLAS FALAM DE ELEGÂNCIA E BELEZA



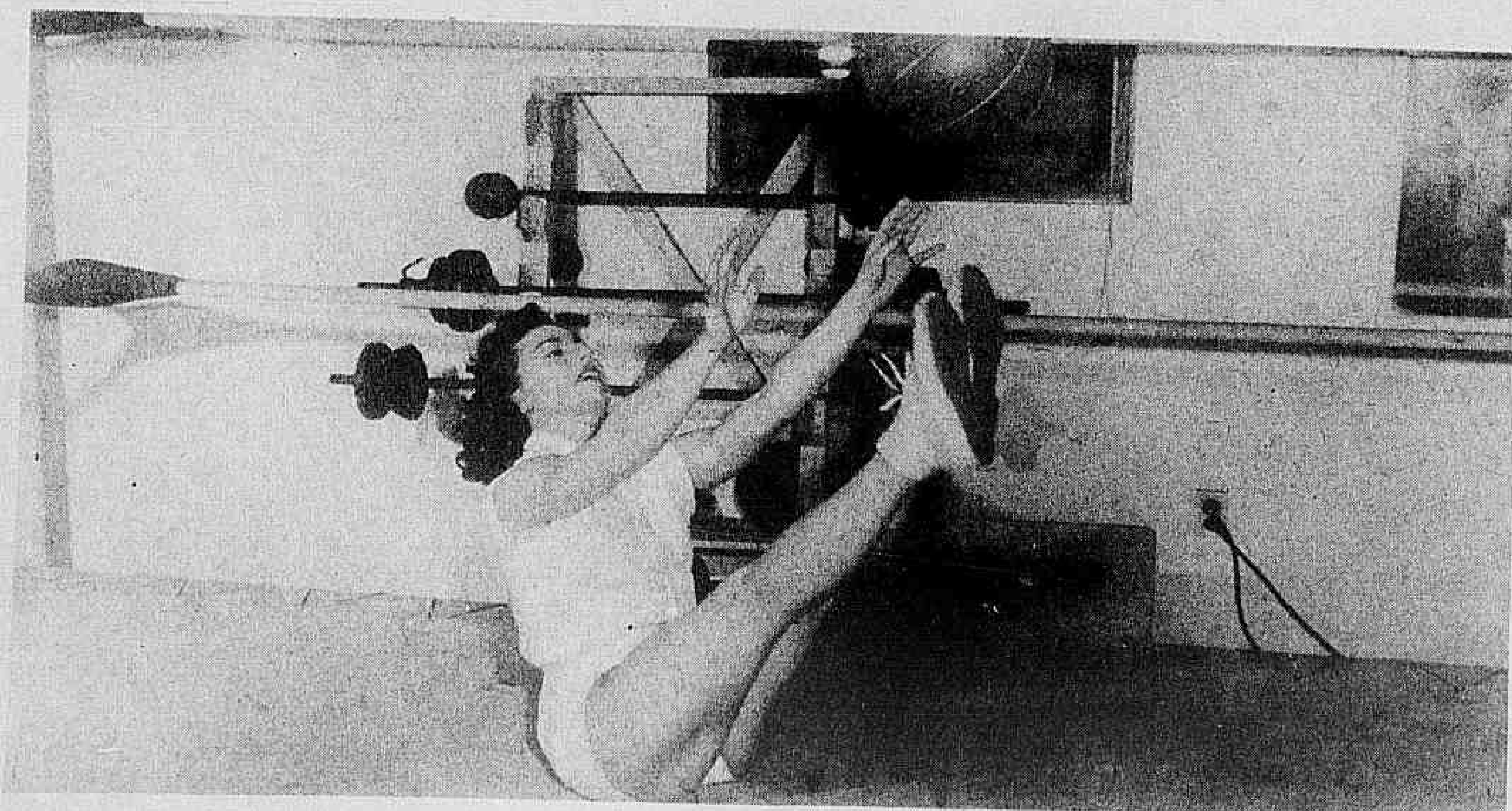


PARA O TRABALHO...

— ... sugiro êste coletinho vermelho com uma saia cinza. Não foi difícil pregar os botões plásticos, brancos, que o tornaram muito original. — diz **Joan Weldon**, enquanto posa para a CENA.

PARA O TEATRO...

E' ainda a mesma **Joan Weldon** que sugere:
— Uma estola de arminho sôbre o vestido em tafetá de sêda. Na cabeça um véu enfeitado com pedrinhas brilhantes, como êste meu, que é uma criação de Malino. Estou elegante, não estou?



CONSERVANDO A FORMA...

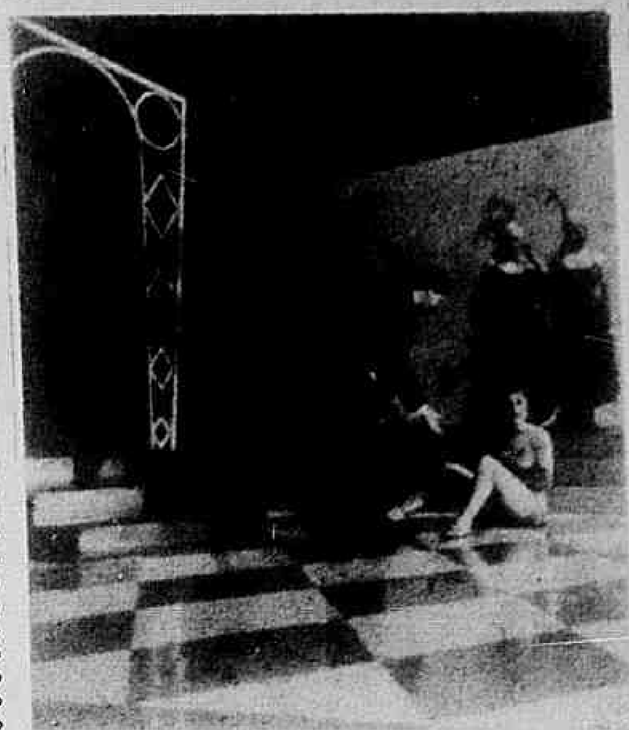
... por meio de uma ginástica racionalmente orientada por seu treinador, foi como encontramos **Allyn Mc Lerie**, no ginasium da Warner. A foto foi apanhada no momento em que ela recebia a bola lançada por Callahan o treinador.

— E' assim que procuro conservar a linha sempre elegante. Êste exercício que está vendo, é uma maravilha para as pernas e cadeiras!



ENXAGUE COM VINAGRE

— Quer seus cabelos sejam secos, quer sejam oleosos, uma colher de vinagre na última água em que os enxaguar dá resultados maravilhosos. Torna-os mais sedosos e mais fáceis de serem penteados. — e **Marilyn Erskine** termina de enxaguar a cabeça, enquanto tomamos nota do conselho.



JANET LEVOU UM TOMBO...

O diretor gritou «Ação» e as câmaras começaram a rodar plasmando no celulóide a cena do musical. Donald O'Connor «fingindo» no clarinete, enquanto Janet Leigh dava início à dança ao ritmo saltitante. A «estrelinha» estava tão entusiasmada com sua parte que em dado momento esqueceu que o piso do cenário fôra caprichosamente encerado e dava margem, com descuidos, a sérios escorregões. Janet acabou sentada e sorrindo, enquanto Donald, também rindo do inusitado acidente, ajudava sua companheira de filme a levantar-se. Janet possui senso de humor e assim sendo não houve nada de grave, continuando depois, normalmente, as filmagens daquele dia.

PARA DESCANSAR OS OLHOS. . .

— Quando sinto os olhos cansados, depois de uma viagem, de um dia passado ao sol e ao vento, ou por ter fixado a vista muito tempo num trabalho, eis o que faço: — Deito-me confortàvelmente, ponho sôbre as pálpebras chumaços de algodão embebidos em água boricada quase gelada e deixo ficar por quinze minutos. Ao mesmo tempo coloco os pés no alto, sôbre travesseiros, o que facilita a circulação do sangue, descansando simultâneamente as pernas e a cabeça. Experimente também! — conclui **Dolores Dorn**, a nova «estrelinha» da Warner.





UM ENFEITE PARA A BLUSA

— O fecho do meu bonito broche de metal partiu-se — disse **Phyllis Kirk**, vendo que eu admirava o original enfeite que trazia na golinha da blusa listrada — e então resolvi aproveitá-lo como está vendo. Com um pouco de cola-tudo colei o broche numa tira de veludo e usoa assim, prendendo por trás com um alfinete.

B É L - H O R M O N

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº. 1 e quando fôr, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº. 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" Nº. . . . . . .

NOME. . . . .

RUA. . . . . Nº. . . . .

CIDADE. . . . .

ESTADO. . . . .

Preço para todo o Brasil: Cr$ 50,00

Ursula Thiess...

(Continuação da pág. 4)

Devido ao conteúdo humano de suas histórias, Ursula recebeu uma carta do editor convidando-a a ir trabalhar na redação em Berlim, mas, lá chegada, ela viu que, o que realmente queriam, era usar o seu talento para propagar o regime nazista através das páginas da revista. Recusou-se a tal farsa... e foi, então, enviada ao campo feminino de trabalho, onde passou um ano trabalhando como uma camponesa. Quando terminou a guerra e voltou a Hamburgo, encontrou a mãe bastante doente.

Precisava trabalhar e ganhar dinheiro depressa, mas, ao mesmo tempo, não tinha habilidade para fazer coisa alguma naquele ambiente desintegrado onde não havia mais lugar nem para a escritora, nem para a camponesa que eu me tornara...

Um velho amigo da família arranjou para Ursula posar para anúncios americanos de propaganda de paz (era o meio mais rápido de ganhar dinheiro!) e o seu belíssimo perfil de grega causou tal sensação que, logo, ela se viu convidada a servir de modêlo aos fotógrafos profissionais. Nesse ambiente, Ursula sentiu-se renascer e arranjou para escrever ainda diversos *shorts* cinematográficos de propaganda, mas sem nunca pensar em aparecer um dia na tela. Em fins de 1950, a Alemanha reiniciou suas atividades no mundo da moda e Ursula viu-se modelando vestidos num grande desfile social em Munich. Ela já estava, então, casada com o fotógrafo que lhe dera as melhores *chances* (mas não o carinho que esperava...) e foi êle que mandou à revista "Life" nos EE.UU., as chapas batidas no desfile de modas em Munich, longe de pensar que, com aquilo, perderia a espôsa...

— Em fevereiro de 1951, recebi um telegrama do produtor Howard Hughes perguntando se eu estava interessada num contrato em Hollywood. E' claro que ignorei completamente o telegrama, certa de que era brincadeira de algum amigo...

Mas quando chegou um segundo telegrama com instruções para que ela procurasse o representante da RKO na Alemanha, Ursula não mais duvidou da história. Duas semanas depois estava num avião com destino a Hollywood... e um contrato de sete anos na bôlsa! A beleza de Ursula impressionara tanto o produtor Hughes, que êle se arriscara a contratá-la mesmo sem saber se ela daria ou não uma boa atriz! Desembarcando em Hollywood, sem saber uma palavra de inglês, Ursula encontrou um ambiente já preparado para ela: Hughes contratara a professôra de arte dramática, Florence Enright, não só para ensinar o idioma à jovem alemã como para treiná-la na intrinseca arte da representação. A maior surprêsa do produtor foi quando — apenas quatro meses depois — Miss Enright declarou que Ursula estava apta a aceitar qualquer papel em filmes! De fato, o inglês de "La" Thiess já era perfeito e, quanto ao desenvolvimento dramático, verificou-se que ela possuía talento inato. Howard Hughes é, porém, um perfeicionista. Queria — e ainda quer — lançar Ursula Thiess numa produção sua, espetacular; que a estabeleça como uma nova Greta Garbo ou uma moderna Marlene Dietrich. Portanto, até hoje não realizou o filme que almeja fazer com Ursula. Espera, pacientemente, o amadurecimento dela como atriz. Mas não impediu que Ursula aceitasse ofertas de outros produtores para atuar em dois filmes: "Ao Rugir da Tormenta" (Monsoon), da United Artists, feito na Índia, com George Nader e Diana Douglas (ex-espôsa de Kirk Douglas) e "The Kiss and the aword", da Columbia, com Robert Stack. Ao passar por Londres de volta da Índia, Ursula Thiess foi aclamada pela imprensa britânica como *a mulher mais linda do mundo*, título depois corroborado em Hollywood pelo veterano produtor e conhecedor da beleza feminina, Cecil B. De Mille. Ursula chegou a ser convidada para o papel-título em "Helena de Tróia", que afinal foi entregue a Rossana Podestá. Continuamos conversando e quando comento que achei seus primeiros papéis no cinema indignos de seu talento, Ursula protesta. Está satisfeita com Hollywood. Acha que aqui só lhe têm acontecido coisas boas. Por exemplo...

— ... sempre me diziam que, tendo o mesmo tipo físico, eu iria entrar em choque com Jane Russell, a principal "estrêla" contratada por Mr. Hughes, — conta Ursula. — Pois imagine você que, ao invés de uma rival, fui encontrar em Jane a minha melhor amiga e conselheira em Hollywood! Passo os domingos na casa dela e seus dois filhinhos adotivos suavizam um pouco a saudade dos meus.

Ursula tem ainda *outros motivos* para ser feliz em Hollywood, embora não os confesse abertamente, devido à discrição que lhe é peculiar. Mas a fotografia de Bob Taylor no seu quarto diz tudo... Ursula admite que, antes de vir a Hollywood sonhava com dos astros: Clark Gable e Robert Taylor. Conheceu ambos pessoalmente ao mesmo tempo e, se o primeiro decepcionou-a, o segundo deixou-a *nocaute!* Contudo o sentimento de fã que Ursula revelava por Bob também encontrou éco no coração do simpático galã e ambos se tornaram inseparáveis, formando um dos casaizinhos mais românticos da cidade.

Recentemente, quando estêve filmando na Inglaterra, êle usou tanto o telefone transatlântico para falar com Ursula, que sua ex-espôsa Barbara Stanwick comentou: "E durante os nossos 10 anos de casados, sempre o tive na conta de avêsso a telefones!..." De volta Bob trouxe a Ursula um cachorrinho "poodle" de presente, o qual ela batizou com o nome de "Pappy".

E foi só quando o pequenino "poodle" veio para o *living-room* exigir a sua refeição, que Ursula e eu nos lembramos que lá estávamos conversando havia duas horas depois de jantar, esquecendo-nos de que os animais também comem... mesmo quando pertencem à mais linda mulher do mundo!

As urnas vão...

(Continuação da pág. 35)

sem os artifícios grotescos da "maquilagem". A nossa querida Mara Rúbia, estava um tanto nervosa, naturalmente por sentir que os papéis que lhe deram estavam muito aquém de suas possibilidades artísticas. Notava-se o seu esfôrço ingente em criar, em enriquecer os seus números tão fracos, como o: "Cabo Eleitoral", para agradar mais ao seu querido público, que a recebeu com uma salva de palmas e que se sente alegre e imensamente satisfeito só com a sua presença, brejeira graciosa e simpática em cena. Blake agradou muito, principalmente no seu primeiro quadro: "Humorismo à Granel". A dupla de bailarinos Irene and Daneville, secundada por um punhado de lindas "girls" executou com esmêro e brilhantismo os números de baile, muito bem marcados por Delf. Parabéns ao coreógrafo.

Lia Mara, melhorando cada vez mais e já bem mais desembaraçada se destaca com a sua figurinha gentil e o seu "donaire" nos quadros em que toma parte. Assim também sucede com Dayse May, muito graciosa e bonita. Carlos Tovar, sempre elegante e representando com acêrto. Costinha, cada vez se destacando mais e mais pessoal na sua comicidade. Agradou muito. Em números extras aparecem com grande sucesso o trio acrobático "Los Chesters", em perigosos trabalhos de seu gênero; a cantora portenha Noélia Noel que cantou com muita alma e sentimento os tangos "Uno" e "Jura-me", e a dupla caipira diferente Venâncio e Corumba, que divertiu e encantou a platéia, principalmente nos números de desafio. A orquestra sob a batuta do maestro B. Vivas, tendo ao piano o maestro Armando Ângelo se conduziu com galhardia. Os cenários de Agnelo Lazary e Manoel de Lima, são expressivos e de belos efeitos. É um espetáculo que agrada e fadado a brilhante carreira artística e financeira. (A. A.)

Belinda...

(Continuação da pág. 20)

vêzes efêmero. Casada com um ator, Ronald Reagan, Jane separou-se dêle pelo divórcio e procurou curar a sua primeira frustração sentimental. Para variar, chegou a fazer uma comédia inconseqüente, cantando e mostrando as pernas (A Meia Noite do Amor), porém seu mais ardente desejo era voltar a ser feliz como antigamente, quando não era ainda famosa e nem tanto querida... Casou-se pela segunda vez e segundo boatos recentes, é possível que repita a primeira amarga experiência sentimental. Sua carreira tem sido um êxito, sem que isso aconteça na sua vida sentimental. O fato é comum entre os artistas de Hollywood e Jane Wyman sabe que não foi a exceção. Mas não se dá por vencida. Sua nova segunda vitória como intérprete cinematográfica é bem uma afirmativa de que ela sublima seus complexos com a própria carreira de "estrêla" do cinema. Aceitou confiante o papel de "So Big" após ler a novela de Edna Ferber, de quem se fizera grande admiradora. Durante algumas noites, Jane viveu impressionada com Selina DeJong e fascinada pela "chance" de *existir* um dia naqueles cenários, passando pelas mesmas emoções que a personagem criada por Miss Ferber. Quando Jack L. Warner convidou-a para estrelar o filme extraído de "So Big", considerou-se uma criatura feliz. Selina DeJong, a figura central de "So Big" é uma boa mãe e espôsa devota que vive um forte drama de amor, sacrifício e sonhos realizados. Para interpretá-la, Jane submete-se à "maquillage" especial, deixando de ser a jovem de dezoito anos, de beleza fresca, para chegar a ser a mulher acabada pelo trabalho e quase vencida pelo cansaço de uma vida nem sempre fácil. Só uma coisa, Selina DeJong conserva como nos anos de juventude: o coração. Êle não se afeta, felizmente, pelos sofrimentos do corpo. Conserva-se puro e jovem. Jane Wyman não poderia ter melhor filme para voltar a ser "Belinda", isto é, voltar à sua condição de grande atriz dramática, plena de talento e completa no seu gênero!

Lampião...

(Continuação da pág. 34)

sia, o seu falar muito pausado, suas inflexões de demagogo, suas atitudes, seus gestos largos, sua maneira muito civilizada de se sentar e de limpar as lentes de seus óculos, dá mais a impressão de um diplomata, que se fantasiou para um baile de carnaval. Celme Silva, tão natural e tão humana na sua garridice em "As Casadas Solteiras", não nos convenceu em Maria Bonita, não só não sentiu o papel como o seu exagerado sotaque nortista fêz lembrar uma das nossas atrizes caricatas do teatro ligeiro. As suas cenas amorosas com Lampeão são falsas, pois apresentam uma ternura e um carinho impossíveis em pessoas tão rudes e cruéis. Na cena em que é assediada por Pente Fino (Carlos Melo), ela não se revela nem a mulher tentada disposta a ceder, ou envaidecida por esta preferência amorosa, e nem se revolta ante a audácia de seu pseudo cunhado. Como, também, sente-se a falta do clímax de pavor e mêdo que deve presidir esta cena, pois Lampeão é impiedoso e cruel e egoísta no seu amor e querência, Carlos Melo, no Pente Fino, o bandido precoce que quer trair o irmão, foi muito bem nos momentos de emoção, e o seu duelo a faca com Lampeão é muito bem marcado, sendo um dos pontos altos da representação. Leste Iberê, no bandido Azulão, viveu bem e com perfeita emoção o seu mêdo na cena em se desarma e se afasta, suspeitoso de que vai morrer. Magalhães Graça, no Lauro, marido de Maria Bonita, quando ouve desta a sua confissão não emociona convenientemente, mantendo-se mesmo até displicente, portanto não se explica o seu desespêro exagerado diante de Lampeão, quando êste vai arrebatar-lhe a espôsa. Até o cenógrafo Cláudio Moura, esqueceu-se de que em ambiente característico não se deve fazer fantasias e modernismos, e, apresentou-nos no **prólogo** uma casinha recém construída e com telhas vermelhas (?) num vilarejo, em pleno coração do sertão nordestino, e, no cenário seguinte umas rochas que mais pareciam um dorso de animal anti-diluviano.

Cine PASSATEMPO

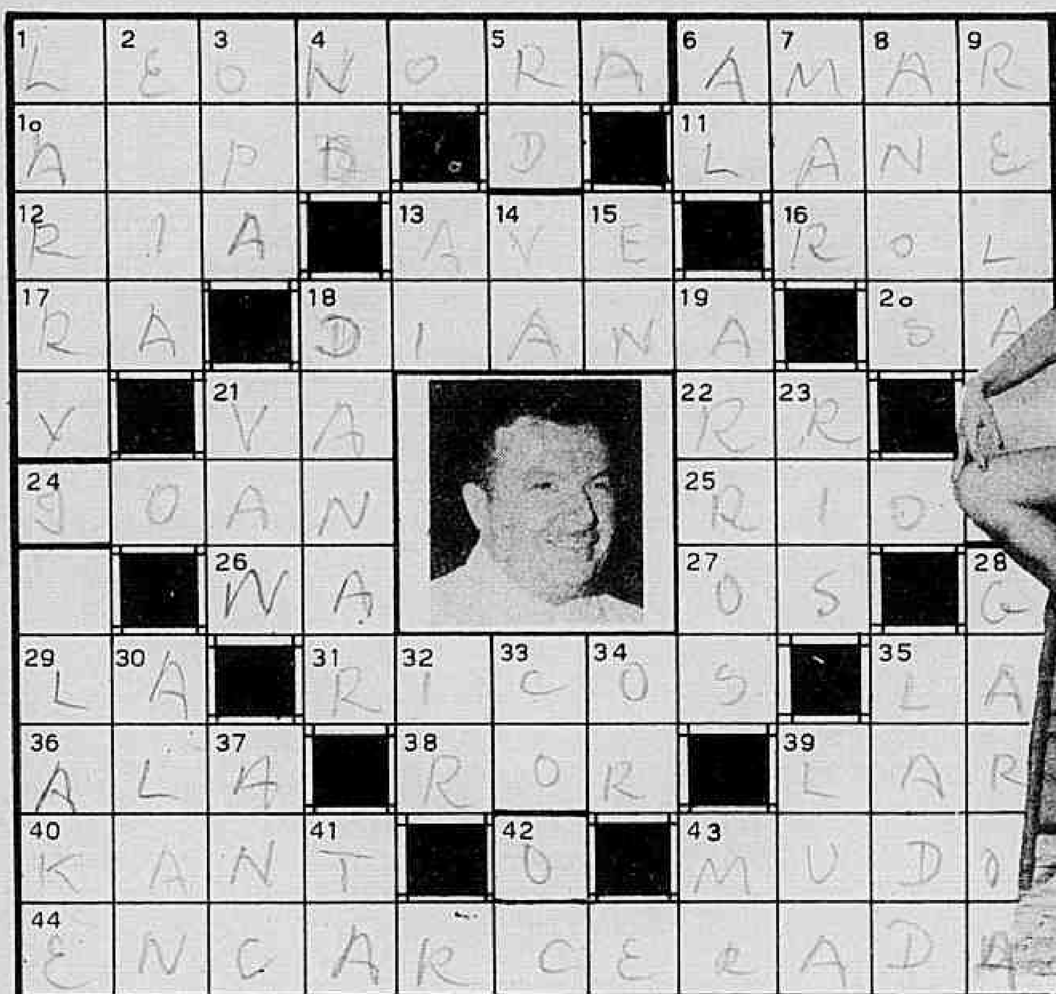
por Trica Antonio

AOS LEITORES

Iniciamos neste número uma nova fase no que se refere a passatempos, charadas, enigmas, etc. Publicaremos em cada número desta revista alguns problemas de fácil decifração a fim de que nossos leitores se deliciem em seus momentos de lazer. Cada número constituirá um Torneio para os decifradorés. Para concorrer, é necessário enviar a solução de todos os problemas publicados, até 60 dias após a publicação. Entre os solucionadores sortearemos romances célebres, fotografias de artistas do cinema e outras surprêsas.

Aceitamos de nossos leitores qualquer colaboração de problemas de palavras cruzadas, charadas, etc. Ao melhor colaborador ofereceremos quinzenalmente uma agradável lembrança.

Tôda correspondência deve ser enviada para TRICA ANTÔNIO, Seção "Cine Passatempo" — A CENA MUDA -- Rua Visconde de Maranguape, 15, 1.º andar. Rio de Janeiro.





PASSATEMPO

1) O que é que pesa mais: 1 litro de água doce ou 1 litro de água salgada?
2) Se você fôsse um garimpeiro em busca de fortuna e resolvesse correr o mundo, que é que encontraria em maior quantidade: Ouro ou pedras preciosas?
3) Se eu acrescentar nove ao duplo do número em que estou pensando, obtenho 25. Qual é o número?
4) Segundo a Bíblia quanto tempo exatamente choveu enquanto Noé estêve na arca?
5) Eduardo tem 10 anos e Maria tem 8. Quantos anos terão no total os dois daqui a 20 anos?
6) Qual dos países escandinavos está mais próximo do pólo Norte: A Suécia, a Noruega ou a Finlândia?
7) Numa linda "soirée" dançante tomaram parte 19 pessoas entre cavalheiros e damas. O primeiro cavalheiro dançou com 8 damas, o segundo com 9 e assim por diante até o sexto cavalheiro que dançou com tôdas as damas. Quantas eram as damas, e quantos eram os cavalheiros?

PROBLEMA N.º 1

TRICA (Rio)

HORIZONTAIS:

1 — "Estrêla" brasileira, hoje no cinema mexicano e principal intérprete de Zorina.
10 e 11 — Nome da artista, cuja fotografia aparece no problema; ela é espôsa de Xavier Cugat, (fotografia ao centro).
12 — Braço de rio próprio para navegação.
13 — .... Ninchi, prenome de "estrêla" italiana, intérprete de "Emigrantes".
16 — Apontamento, lista.
17 — Deus do Sol, egípcio.
18 — .... Lynn, "estrêla" da Paramount.
20 — Sociedade Anônima.
21 — Siga, ande.
22 — Ronald Reagan.
24 — .... Crawford, "estrêla" da Warner Bros.
25 — Cursos de água.
26 — Em a.
27 — Artigo masc. pl.
29 — Ali
31 — Que têm muito dinheiro.
35 — Além.
36 — Fileira.
38 — Grande quantidade.
39 — Casa em que vivemos.
40 — Fundador do Kantismo.
43 — Aquêle que não fala.
44 — Metida em cárcere.

VERTICAIS:

1 — "Astro" de "Duas vidas se encontram", com Robert Mitchum. Janet Leigh e ......
2 — Tolice.
3 — Interjeição de espanto.
4 — Nordeste.
5 — Robert Douglas
6 — Outra coisa
7 — Imensidão, abismo.
8 — Período de 365 dias (pl)
9 — Do verbo relar.
13 — Grito de dor.
14 — Siga.
15 — O mesmo que em.
18 — Irritar.
19 — ...... Amargo, título de um filme italiano com Silvana Mangano.
21 — ...... Heflin "astro" da Warner Bros.
23 — Flexão do verbo rir.
28 — Nevoeiro fino.
30 — ...... Ladd, prenome de famoso artista de Hollywood.
32 — Andar.
33 — O mesmo que com.
34 — Designa profissão, autor.
35 — Alan ...... sobrenome de "astro" americano.
37 — Amadeu Nunes Campos.
39 — Destino a ......, continuação de um filme de viagem no espaço.
41 — O mesmo que até.
42 — Osvaldo Cruz.
43 — Mister (Senhor).

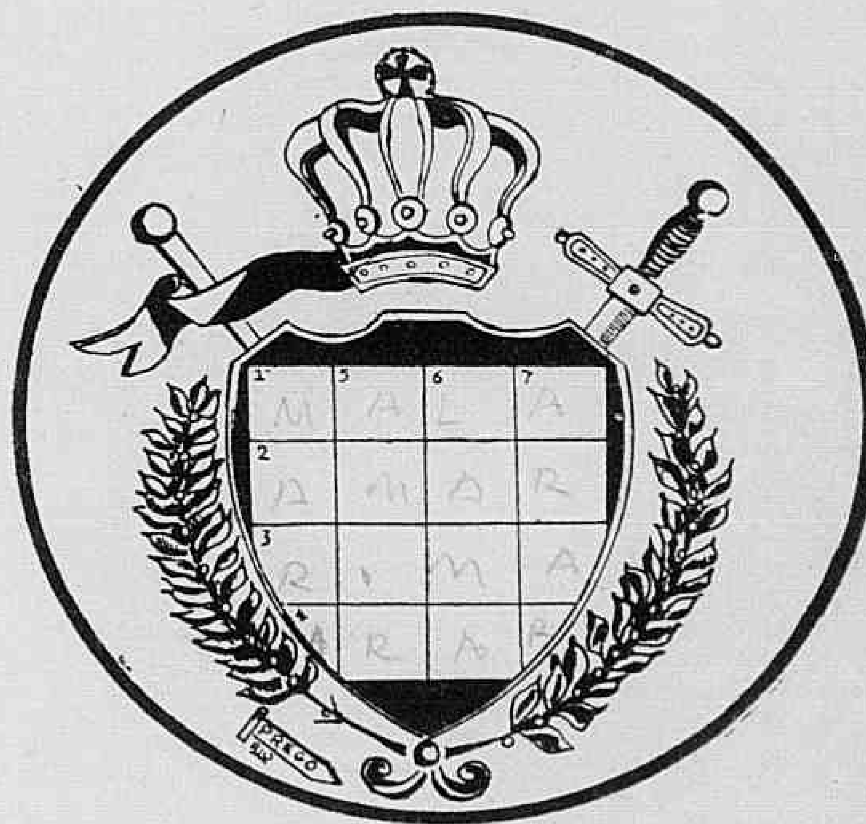
PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS:

1 — Saco de viagem
2 — Gostar
3 — Capital da Itália
4 — Sulcar a terra

VERTICAIS:

1 — Vara
5 — Afeição
6 — Lôdo
7 — Navegar



(Recorte e envie com a sua solução)

Nome ....

Endereço ....

Cidade .... Estado ....

Ribalta

POR A. ALENCASTRE

LAMPIÃO

PEÇA EM 1 PRÓLOGO, 2 ATOS E 5 QUADROS, DE RAQUEL DE QUEIROZ

A brilhante escritora Raquel de Queiroz, escolheu para estrear como autora teatral, um gênero ingrato e difícil, e, sem a necessária prática da chamada "carpintaria teatral", que arma as situações que produzem o "suspense" e a intriga e conduzem aos desfechos imprevistos e de grande efeito, instigando e desafiando a perspicácia do público, que gosta e quer adivinhar, não deixando entrever, de maneira positiva, qual seja o desenlace, mantendo assim cada vez mais vivo o seu interêsse e atenção às cenas, produziu, apenas, uma obra descritiva e de pouco fôlego, pois "Lampeão" não passa de um **relato**, mais ou menos dramático, de alguns episódios comuns da vida do Rei do cangaço. A autora, embora senhora de vasta cultura literária e conhecedora do ambiente e dos personagens em que Lampeão se desenvolve, produziu um trabalho fraco de emoção e análise, situando-se em campo dúplice e não conseguindo um perfeito consórcio do drama e da comédia, pois sua peça não é nem um drama violento, bruto e bárbaro, e, nem uma obra de ficção, tendo por base o amor de Maria Bonita, submisso, devotado, integral, procurando regenerar o bandoleiro ou violento e trágico, alimentando-se de sangue e de ódios. Logo, no **prólogo**, a sua confissão ao marido de que mandara um recado à Lampeão oferecendo-se para ser sua companheira, tira todo o interêsse da ação, conhecido assim, logo, o seu desfecho, a não ser que isto fôsse uma cilada, armada de acôrdo com a Polícia, a fim de atraí-lo e prendê-lo, e, o que viria também justificar a entrada espetacular dos cangaceiros, em cena, com as armas em punho, em atitude de ataque, esperando defrontar com um inimigo mais numeroso e armado, temendo ser uma armadilha o tal convite Os diálogos são sóbrios, corretos e expressivos, a que o linguajar regional empresta interessante sabor decorativo.

Na "Mis-en-cene" houve um cochilo da direção. A indumentária dos bandidos e dos soldados foi tratada com um apuro e cuidado exagerados. Seus trajes, suas fardas, muito limpas e bem cortadas, seus cinturões, talabartes, embornais, e armas, tudo novo, lustroso e brilhando; seus chapéus característicos, enormes e muito enfeitados, principalmente o de Lampeão, que é exageradamente decorativo.

PAULETE SILVA, da Cia. de Colé vai encantar as platéias de Belo Horizonte e Pôrto Alegre. Boa sorte, Paulete!

Ao invés de gaforinhas agrestes, eriçadas ou lambusadas de óleo ou querozene, suas cabeleiras são bem tratadas, uma, a do Corisco, de cabelos lisos, longos e alourados, quase "à pagem", dá-lhe até um ar de Apóstolo.

E, mesmo, ao iniciar-se um dos quadros, quando êles vêm de um combate, exaustos e cansados, há o mesmo apuro no traje, nenhum desleixo, nenhum traje sujo, rasgado ou desalinhado. O ator Elísio de Albuquerque não compreendeu o seu papel, por si dificílimo, e nos deu um Lampeão de teatro de revista. O seu traje, principalmente o seu grande chapéu, decorativo em dema-

(Continua na pág. 32)

Conversas

NO AMARELINHO

Perguntou o Jaime Costa:

— Porque na temporada da Cia. Dramática Nacional, no novo Teatro Ginástico, só dá no cartaz "A Senhora dos Afogados?"

— É uma "desforrazinha" do Nelson Rodrigues, pelo que lhe fizeram o ano passado, na temporada no Carlos Gomes, onde a peça "A Rapôsa e as Uvas" do Guilherme de Figueiredo, monopolizou o cartaz, durante tôda a temporada,... respondeu-lhe o José Vanderlei.

—//—

Disse o Jorge Murad:

— Eu soube que a "Doll Face" vai ficar no cartaz do Follies até setembro.

— Eu sempre disse que essas "Carinhas de Boneca..." vão longe... "comentou o De Chocolat.

—//—

O Manoel Vieira, confidencial ao Cordeiro:

— Você sabe que a Virgínia Lane pediu Cr$ 100.000,00 cruzeiros por mês ao Freire Júnior, para ser "estrêla" da sua Cia. de revistas?

— Claro, ela também quer: "Sopa no Mel"!!!

—//—

No Teatro Rival, no dia da inauguração da placa, o Jota Efegê perguntou ao Gamboa:

— Mas, Dona Xêpa, não está em cartaz dois anos ininterruptos?

— Quase. Houve, apenas, uma Pausa... de dois meses, quando a Cia. foi **tomar ares...** em Portugal.

—//—

A Cia. de Colé embarca para Belo Horizonte onde deverá fazer uma temporada. Comentário de um maldoso da Cinelândia:

— Ainda bem que êles seguem com a passagem de ida... e volta!



SIWA, era do «ballet» de Dubois, porém resolveu um dia ser empresária. Decepcionou. Está agora no Recreio fazendo sucesso!

Figurinha da revista teatral, Vitória tem muito futuro com esta plástica estonteante. Só lhe falta uma oportunidade como atriz.



PRIMEIRAS

AS URNAS VÃO ROLAR

Revista em 2 atos, 25 quadros, de Paulo Orlando, Paulo Gracindo, J. Rui e Humberto Cunha. Músicas de Vicente Paiva, Armando Ângelo e outros. (No teatro Recreio).

FERREIRA DA SILVA — o Zèzinho — inaugurou a sua temporada popular apresentando a revista "AS URNAS VÃO ROLAR...", assinada por quatro autores festejados, e, defendida por um elenco numeroso e contendo grandes nomes de valor, não envidando esforços para agradar o público que lotou o teatro completamente e deu boas gargalhadas com as charges políticas e sociais e aplaudiu satisfeito os belos quadros de fantasia e os números de *atrações*, que foram o ponto alto do espetáculo. Depois de um "Avant-prólogo", cacête e sem graça, intitulado: "Propaganda Política", vem o grande prólogo da revista: "No Templo da Política", quadro bonito, de muito aparato e que é abrilhantado pela verve humorística explêndida do impagável Mesquitinha e pela graça exuberante de Mara Rúbia, e, que contém piadas muito oportunas sôbre o futuro pleito eleitoral. "Portas da Europa", movimentado e bem marcado quadro de feitio português, em que aparece a brejeira Salúquia Rentini, sempre muito viva e risonha e Maria Brazão, sempre elegante e vistosa. Salúquia aparece ainda, sempre com muita graça nos quadros: "Amor perfeito" e "São João". Há um acontecimento: a volta de Durvalina Duarte ao teatro, defendendo com muito valor "Leiteria Aquática" com Costinha, Armando Ferreira e Dayse May e o quadro gosadíssimo "Um Mendigo Original", no qual Mesquitinha está imenso no Mendigo moderno, Badu, nos quadros "Fatos em Foco" e "O Grande Mistério", dá-nos uma pequena amostra do que seria, se deixasse de contar anedotas e encarasse mais a sério o papel de ator cômico, pois êle tem uma qualidade previlegiada: a de fazer rir com a cara limpa

(Continua na pág. 32)



MINHA MASCOTE

Por STEVE COCHRAN

Quando algum estúdio me oferece um contrato para filmar, pergunto sempre: Terei um camarim para minha mascote? Ninguém se surpreende com a minha pergunta porque todos conhecem de sobra a afeição que dedico ao meu inteligente cãozinho que batizei com o nome expressivo de "Tchaikowsky". E não me perguntem porque, pois não saberia responder. "Tchaikowsky" foi um presente de uma amiga que conhecia minha mania pelos cachorros. Sempre gostei de criá-los, dar-lhes confôrto e participar de suas alegrias. Admiro nos animais muitas qualidades que não encontro na maioria da humanidade, sem querer com isso menosprezar a inteligência e o bom senso dos homens que conheço. O cãozinho ficou fazendo-me companhia sem ter um nome. Um dia lembrei-me que isso era falta de consideração para uma criatura cuja única reclamação era um "Au Au" sem muito êxito. Pensei rápido e achei que o nome "Tchaikowsky" servia. Êle ficou, assim, oficialmente batizado e não se falou mais nisso. "Tchaikowsky" tem viajado muito, pois não me larga enquanto filmo. Já estragou muitas cenas em meus filmes. Mas até hoje continua querido e adulado pelos meus colegas que aceitam a nenhuma compreensão de um animal para certas coisas às quais damos demasiada importância. Considero "Tchaikowsky" um grande amigo e dedico-lhe todos os dias algumas horas, divertindo-me com suas travessuras. Creio que poucos amigos meus conseguirão divertir-me tanto como êle o consegue. Está sempre de bom humor e não faz reclamações absurdas. Suporta-me. É o quanto me basta para ser seu grande amigo e querê-lo ainda mais.



Anilza Leoni, revelação do teatro musicado, está atuando com brilho na revista «E' Sopa no Mel».

A ÚLTIMA QUINZENA TEATRAL

● Colé após fazer sucesso no Glória embarcou com sua companhia para Belo Horizonte, devendo estrear no Teatro Brasil, e à 23 de julho no Teatro Coliseu, em Pôrto Alegre.

● Com a peça francesa «Mulher do Diabo», a Companhia Artistas Unidos encerrou sua brilhante temporada no Carlos Gomes.

● O grande acontecimento foi a reabertura do República com a estréia da Grande Companhia de Revistas Freire Júnior, com a revista-feerie política e social «E' Sopa no Mel», de autoria de Freire Júnior e Luís Peixoto, destacando-se no elenco Anilza Leoni, Siwa, Marion, Virgínia Noronha, Marilu Dantas, Maria do Céu, Renée Mara, Violeta Ferraz, Pedro Dias, Manoel Vieira, Fernando Villar e Grijó Sobrinho.

● Inaugurada no Rival a placa de «Dona Xepa» com uma festa artística a qual compareceram os colegas Alda Garrido, cumprimentando-a pela justiça da homenagem: dois anos no cartaz!



Saluquia Rentini é a portuguezinha do nosso teatro de revista. Pode ser vista em «As Urnas Vão Rolar».

O MAIOR FILME DO CINEMA:



«Luzes da cidade», aobra prima que vem de ser consagrada como o maior filme da história do cinema.

"LUZES DA CIDADE"

Jamais teria sido possível imaginar o êxito que cercaram os concursos lançados por "A CENA". Todos êles alcançaram sucesso acima de qualquer expectativa destacando-se, particularmente, o das "reprises" e eleição do maior filme de todos os tempos. O entusiasmo chegou ao auge, vibrante e sadio nesta eleição que congregou vultoso e surpreendente número de leitores de todo o país. Desde abril p.p., data do lançamento, até às 12 horas do dia 22 de junho, grande foi a correspondência recebida de todos os pontos do país, circunstância que nos acarretou enorme trabalho.

Os cômputos finais refletiram essa bénefica agitação que empolgou a alma do fã de cinema brasileiro. Das anteriores apurações, publicadas em "A CENA", à finalíssima, diversas modificações se processaram em meio de ininterrupta vibração. Embora as mais diferentes opiniões se manifestassem, o anseio geral em tôrno da grande arte do cinema, com tôda a variabilidade revelada, conservou sempre a mesma flama.

Pela primeira vez no país foi eleito o maior filme do cinema. A escolha, que reuniu acentuada maioria, recaiu em "Luzes da Cidade", de Chaplin. Diversas circunstâncias devem ter influído nesta escolha coletiva por exemplo, a recente "reprise" do mesmo e a confirmação por parte do grande público de que estavam intactas as qualidades já consagradas há tantos anos atrás. Ao contrário, foi bem mais disputado o pleito em volta das "reprises" que o público mais deseja, tendo sido constantes, durante tôdas as apurações, diversas oscilações de postos. No cômputo final "A Felicidade não se Compra", o bélo filme de Frank Cappra, conseguiu os louros dêste triunfo.

QUAIS OS FILMES QUE DESEJARIA REVER?

1.º — "A FELICIDADE NÃO SE COMPRA"	7.711
2.º — "O TESOURO DE SERRA MADRE"	6.936
3.º — "O MORRO DOS VENTOS UIVANTES"	6.902
4.º — "OS MELHORES ANOS DE NOSSA VIDA"	6.588
5.º — "REBECA"	6.376
6.º — "... E O VENTO LEVOU"	6.253

O «Tesouro de Serra Madre», 2º colocado no Concurso das «Reprises» (Humphrey Bogart e John Huston).



«... E o vento levou», 2º colocado como o maior filme do cinema e sexto lugar entre as «reprises» (Leslie Howard e Vivian Leigh).



AS "REPRISES" ELEITAS

EM PRIMEIRO LUGAR: "A FELICIDADE NÃO SE COMPRA"

Seguem-se: 7.º — "No Boulevard do Crime" "Les Enfants du Paradis", 5.953; 8.º — "Na Cova das Serpentes", 5.749; 9.º — "Monsieur Verdoux", 5.661; 10.º — "Amar foi a Minha Ruína", 5.384; 11.º — "A Terra dos Deuses", 5.119; 12.º — "Cidadão Kane", 5.174; 13.º — "Isto Acima de Tudo", 4.982; 14.º — "Adúltera", 4.718; 15.º — "Adeus Mister Chips", 4.602; 16.º — "Tulsa", 4.540; 17.º — "Paixão dos Fortes", 4.307; 18.º — "No Teatro da Vida", 4.296; "Carnet de Baile", 3.801; 22.º — "Vinhas da Ira" 3.703; 23.º — "A Dama das Camélias" — 3.547; 24.º — "As Chaves do Reino", 3.407; 25.º — "Luzes da Cidade", 3.352; 26.º — "Farrapo Humano", 3.197; 26.º — "Como era Verde o meu Vale", 2.754; 27.º — "Hamlet", 2.720; 28.º — "Soberba", 2.616; 29.º — "Ídolo, Amante e Herói", 2.402; 30.º — "Cais das Sombras", 2.215 e outros, menos votados.

QUAL O MAIOR FILME DO CINEMA?

1.º — "LUZES DA CIDADE"	6.711
2.º — "... E O VENTO LEVOU"	5.809
3.º — "O MORRO DOS VENTOS UIVANTES"	5.520
4.º — "A FELICIDADE NÃO SE COMPRA"	5.507
5.º — "BRINQUEDO PROIBIDO"	5.224
6.º — "LES ENFANTS DU PARADIS ("No Boulevard do crime")	5.237

Seguem-se: 7.º — "Monsieur Verdoux", 5.118; 8.º — "Hamlet", 4.945; 9.º — "O Tesouro de Serra Madre", 4.773; 10.º — "Adúltera", 4.637; 11.º — "Melhores anos de nossa vida"; 4.490; 12.º — "Rebeca" — 4.487; 13.º — "Carnet de Baile", 4.225; 14.º — A Terra dos Deuses", 4001; 15.º — "Consciências Mortas", 3.872; 16.º — "Ladrões de Bicicletas", 3.355; 17.º — "Amanhã Será Tarde Demais", 3.309; 18.º — "O Corcunda de Notre Dame", 3.182; 19.º — "Luzes da Ribalta", 2.994; 20.º — "Como Era Verde o Meu Vale"; 21.º — "Cidadão Kane", 2.750; 22.º — "Em Busca do Ouro", 2.441; "Lady Hamilton, a Divina Dama", 2.303; 34.º — "Na Noite do Passado", 2.218; 25.º — "Vitória Amarga", 2.209; 26.º — "Na Cova das Serpentes", 2.172; 27.º — "Escravos do Desejo" (versão de Cromwell, com Bette Davis e Leslie Howard), 1.842; 28.º — "Vinhas da Ira", 1.753; 29.º — "O Delator", 1.708; 30.º — "Cavalcade", 1.526 e outros menos votados.

POR QUE NASCEM GÊMEOS?

★ O MAR VAI TRABALHAR PARA O HOMEM

★ TENTA OUTRA VEZ!

★ A TORTURA DE SER GORDO

★ OS PINTOS SÃO... "BURROS"

★ AS ENFERMIDADES DO RIM

★ OS DENTES TAMBÉM OUVEM

★ RESOLVA SEUS PROBLEMAS

«EU SEI TUDO» de agôsto — A VENDA

REDAÇÃO: R. Visc. de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro



«A felicidade não se compra», o excepcional filme de Frank Cappra, distinguido como mais desejado pelos leitores.

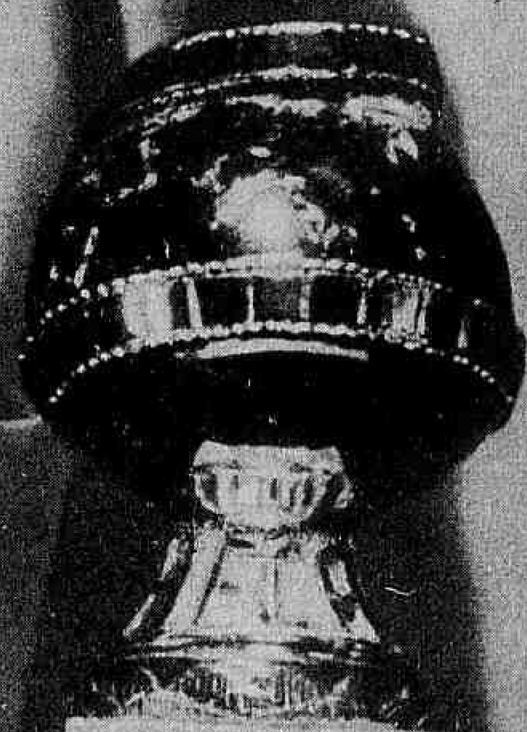


«Os melhores anos de nossa vida», 4º colocado entre as produções reclamadas pelo público.

«O morro dos ventos uivantes» obteve um magnífico resultado: terceiro lugar como o maior filme de todos os tempos e também idêntico resultado entre as «reprises».



O MAIOR SONHO DE



FRANK SINATRA

Por RUSSELL HAYNES



Frankie, sorridente, ao lado de Donna Reed, na noite do «Oscar».

A muita gente, inclusive a mim, sempre pareceu bastar a Frankie o sucesso como cantor, porém estávamos enganados. Frankie é ambicioso de muitas coisas. Também o foi na vida sentimental e agora padece um fracasso que teria para êle mais graves conseqüências, não fôsse a glorificação em outro setor. Refiro-me ao seu desastrado romance com Ava Gardner, que dêle vive afastada e rancorosa sem explicar convenientemente, a nós jornalistas, o verdadeiro motivo, limitando-se a evasivas. Como qualquer mortal, meu amigo Frankie deixou-se iludir pelo coração e se agora não chora tanto o fracasso, é porque uma alegria muito grande invadiu sua alma e sublimou de fato a maior parte de seus complexos. Falo de seu sucesso no cinema e a conquista do Oscar da Academia de Hollywood.

Certa vez, Frankie segredou-me que era o seu maior sonho ganhar o Oscar e que faria fôrça para conquistá-lo. Creio que êle lutou bastante, principalmente contra um fator negativo: Sendo um cantor de êxito, verdadeiro ídolo no seu gênero artístico, dificílimo era ser aceito como ator dramático. A oportunidade surgiu com o convite para participar do filme de Zimerman "Daqui à Eternidade", contracenando com astros do quilate de Burt Lancaster e Montgomery Clift. Em tão boa companhia, Frankie revelou em tôda a sua plenitude, seu talento dramático, criando um tipo marcante, tão marcante que aposto com quem quiser, será muito difícil esquecê-lo depois de assistir ao filme. Ou deixar de aplaudí-lo com entusiasmo.



Com seu amigo Monty Clift e Donna Reed num intervalo de filmagem

Eu acompanhei Frankie na noite do Oscar e pude ver como a sua felicidade era completa naquele momento supremo de sua carreira artística. Alguém menos perspicaz não conseguiria identificar naquele sorriso um môço antes de tudo idealista, que desprezou a glória fácil como cantor, pelos espinhos de outra carreira de objetivo bem mais difícil, a de ator cinematográfico. Sei perfeitamente que Frankie deve sòmente a êle tão grande vitória, porque as injunções de sua vida sentimental concorreram para arrasar tôdas as suas ilusões de felicidade. Foi seu espírito forte, seu ideal bem aplicado, sua fôrça de vontade, que levaram-no a concretizar seu maior sonho e concretizando-o, inscrever seu nome entre os maiores artistas da tela, com meia dúzia de filmes, apenas!

Frank foi aclamado «melhor ator» pela imprensa estrangeira de Hollywood.

PEQUENA HISTÓRIA DO CINEMA

A O S   L E I T O R E S

Não se tentará nesta série de artigos uma completa história do cinema, pois exigiria um espaço com o qual não contamos e fugiria, em parte, à atual orientação dada à mais antiga revista de cinema do Brasil. Nosso intuito único é iniciar os leitores na história da Sétima Arte, sendo o menos acadêmico possível. Queremos que vocês leiam esta Pequena História com renovado interêsse e daqui possam tirar proveito, se mais não fôr, para um princípio de cultura cinematográfica.

Dito isto, passemos ao primeiro capítulo.

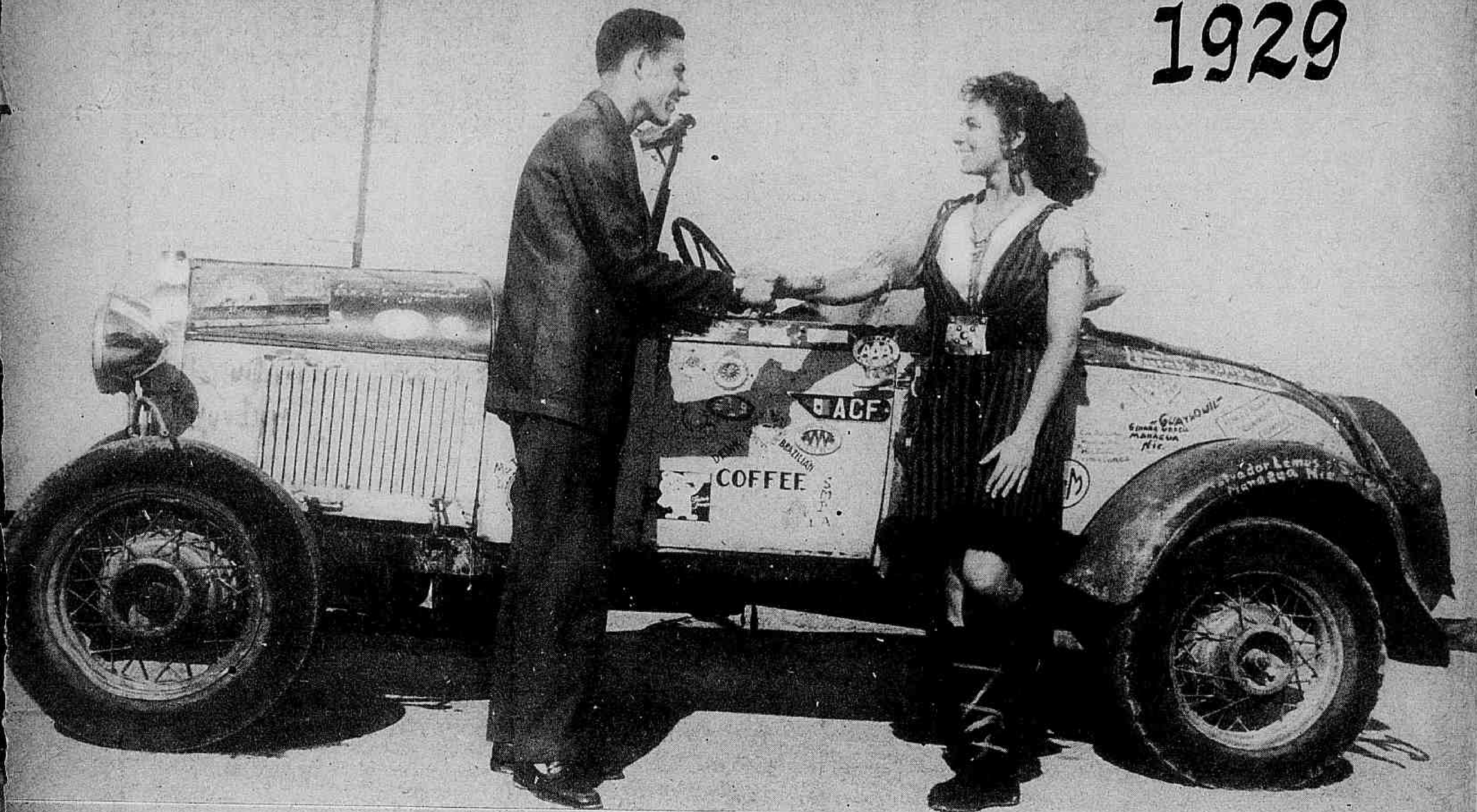


A arte do cinema, segundo os historiadores, vem desde a época de Platão que descreveu uma sala de projeção com sombras chinezas. Para êsses o cinema começou na câmara escura e assim sendo, há dois mil e quinhentos anos antes de nós. Para nós o princípio básico foi a descoberta, nos tempos de Ptlomeu, do fenômeno da persistência da imagem na retina. Já se conheciam aí três outros elementos que levaram mais tarde à arte cinematográfica e assim arrolados: — o aparelho fotográfico; o filme instântaneo; a idéia da lanterna mágica-espetáculo. Em 1832 atingimos um ponto importante para a futura grande revelação do cinema. O físico de Bruxelas, Joseph Plateau, realizou uma "recomposição" do movimento por um aparelho que ficou conhecido como o "fenaquisticópio". Hoerner, mais tarde, em 1834, deu ao mesmo aparelho a forma cilíndrica e o nome de "zoótropo". A idéia do movimento ficou positivada quando se desenhou as imagens em sucessão numa faixa de papel que colocava-se depois no aparelho. Girando-se, a ilusão cinematográfica era perfeita, ou quase, porque haveria um grande aperfeiçoamento logo depois, em 1852, quando Julio Duboscq substituiu os desenhos por fotografias. (*Continua*)

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA e PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. de Maranguape, 15 - Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

SÃO PAULO - HOLLYWOOD NUM CARRO TIPO 1929



Fã de Rita Gam, o brasileiro François Moureau cumprimenta a sua «estrêla» favorita, em presença da «balzaqueana».

Dizem que para uma pessoa jovem nada é impossível no mundo. Até há pouco tempo, isto me parecia mais teoria do que prática. Mas, graças a um rapaz paulista de 19 anos, hoje acredito piamente no ditado!

— Pelo menos terei algo que contar aos meus netos! — disse François Emille Moreau quando começou a relatar-me a sua história, minutos depois de haver desembarcado em Hollywood, fazendo "ponto" em Orchid Avenue. François é suíço de nascimento, filho de pai francês e mãe brasileira. Mas, levado para o Brasil com 6 meses de idade, considera-se hoje um autêntico cidadão brasileiro. Sua mãe pertence à tradicional família paulista Aguiar de Andrada, descendente direta da Marquesa de Santos, e François foi criado e educado em São Paulo, nos colégios São Luís e Bandeirantes, adquirindo ainda o "brevet" de pilôto civil da aeronáutica. Acabara êle de graduar-se no curso científico — a fim de entrar para a Faculdade de Engenharia — quando teve a idéia de fazer uma viagem de automóvel do Brasil aos Estados Unidos. Ninguém o levou a sério. Outros já haviam tentado — e conseguido — tal proeza, mas tratava-se de gente experimentada em assuntos automobilísticos e que fizera o trajeto em carros devidamente equipados para o enorme percurso. Quando, então, François afirmou que realizaria a viagem no seu **fordeco bigode** 1929, seus colegas e amigos quase arrebentaram de tanto rir. Isso é que era piada das maiores! O rapaz não se importou com os comentários e, conseguindo convencer seu amigo Ari Burjato Caires, de 22 anos, a acompanhá-lo na aventura, começou a preparar-se silenciosamente para a jornada. Estudou mapas, colheu informações nos Consulados competentes e tratou de conhecer todos os detalhes técnicos do seu "Ford", exatamente como fizera com aviões quando fazia o curso de pilotagem. Após alguns meses, François considerou-se suficientemente **graduado** na mecânica do seu **fordeco**. Como as respectivas famílias dos rapazes se recusassem a financiar semelhante **loucura**, François e Ari juntaram suas economias que, trocadas em moeda americana, renderam 950 dólares. E numa manhã brumosa de fins de Maio de 1953, os dois aventureiros **levantaram âncoras** do Vale do Anhangabaú em São Paulo rumo a Hollywood, ante os olhares irônicos dos que duvidavam que algum dia alcançassem o objetivo. Os rapazes haviam tentado conseguir o apoio da Comissão dos Festejos do IV Centenário de São Paulo para uma ajuda de custos na sua viagem, a qual serviria de propaganda turística para o aniversário da cidade, mas os membros da mesma alegaram falta de fundos. François e Ari, porém, tiveram uma atitude elegante: pintaram o carro de verde-amarelo com os dizeres superpostos: **"São Paulo's IV Centenary — 1954 — Be Present at the Year Festival"** e mais **"Drink Brazilian Coffee"**. Com êsse propósito de boa vontade e espírito de bons bandeirantes, os dois corajosos paulistas iniciaram a empreitada, denominando a viagem de "Raid Pana-



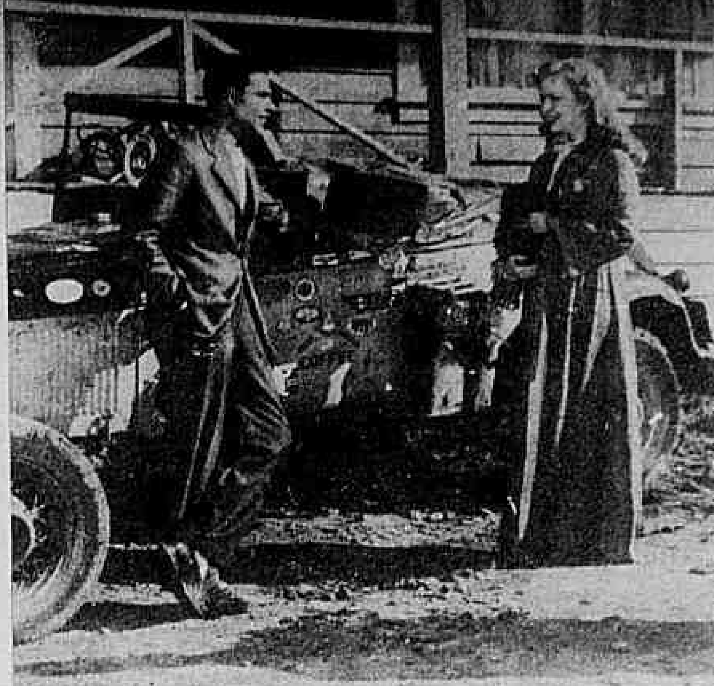




A «balzaqueana» venceu bem o «raid» e ganhou sorriso de Carmen Miranda...

NINGUÉM ACREDITAVA QUE OS DOIS PAULISTAS CHEGASSEM AO DESTINO E UM DÊLES ACABOU MESMO NUM HOSPITAL! — A ACOLHIDA DAS «ESTRÊLAS» DE CINEMA E O TRAJE VERDE-AMARELO DE CARMEN MIRANDA — «VOCÊ É UM HERÓI OU UM LOUCO... MAS SEJA BENVINDO!»

Reportagem da correspondente brasileira em Hollywood, LAURA BRITO, exclusiva para a «CENA».



Piper Laurie admirou a «balzaqueana».

mericano" e apelidando o carro de "**Balzaquiana**", por motivos bem óbvios...

A fim de evitar as tortuosas estradas do Paraguai, François e Ari resolveram seguir pelo sul do país, passando por Curitiba e Pôrto Alegre. Ao atingir o Uruguai (Montevidéu), foram forçados a subir até Uruguaiana e depois descer a Buenos Aires, a fim de evitar o embarque do carro em Mar del Plata. Na província argentina de Entre Rios, a "balzaquiana" teve oportunidade de revelar a sua eficiência, rebocando por 48 quilômetros um "Ford" 1952 novinho em fôlha, que havia enguiçado na estrada!

Mas o destino havia escrito que o companheiro de François não veria o fim da viagem. Entre Potosi e Oruro, na Bolívia — justamente no chamado "alti-plano" de 5.670 metros de altura — a "Balzaquiana" capotou espetacularmente, devido a uma interrupção não avisada na estrada e os dois rapazes permaneceram sob o carro durante 12 horas, sem poder sequer mover um braço. Um caminhão socorreu os brasileiros, levando-os ao hospital de Challapata, o mais próximo do local. François saiu com apenas ligeiras escoriações, mas Ari foi mais atingido pelo acidente, pois, além dos cortes físicos, sofreu um colapso nervoso ocasionado pelo choque. O estado de fraqueza de Ari era tal, que François julgou que êle fôsse morrer ali mesmo. Resolveu, então, mandá-lo de volta ao Brasil. Deixou a "Balzaquiana" sendo consertada em Challapata e levou Ari de trem a Cochabamba, onde colocou-o num avião com destino a São Paulo.

— Pensei que nunca mais visse o meu amigo! — contou-me François. — Mas agora sei que já se restabeleceu e encontra-se novamente **em forma** no Brasil, só lamentando não ter me podido acompanhar até litro de gasolina.

Por pouco François também quase foi forçado a desistir da viagem. Em La Paz, a polícia descobriu na mala do carro um aparelho transmissor que o jovem Moreau levara para o caso de precisar pedir auxílio em alguma estrada deserta. Embora nunca houvesse feito uso do aparelho — que nem funcionava mais... — François viu-se prêso durante três dias, até que a polícia averiguasse a sua verdadeira identidade e o objetivo da viagem, pois o país encontrava-se em pé de revolução. Posto depois em liberdade, partiu êle para o Peru, contornando o Lago Titicaca com grande sacrifício, devido à aridez do terreno. A 100 quilômetros de Arequipa — a 4.400 metros de altura — um carro oficial do govêrno peruano, que vinha em alta velocidade, ao ter que desviar de cair num precipício, abalroou a "Balzaquiana" que serviu, assim, de salvação a um alto político daquele país. Êste senhor ficou tão grato ao acidente que não só pagou todos os reparos no "Ford" brasileiro, como ainda instalou François no melhor hotel de Arequipa durante 18 dias, com tôdas as despesas por conta do govêrno. Em Lima, grandes homenagens foram prestadas ao **herói brasileiro** que cruzara o continente sul-americano num "Ford 1929" e François quase chorou quando viu as águas do Pacífico que provavam que atingira a metade do seu objetivo. Ficou tão emocionado que quis tirar uma fotografia da "Balzaquiana" na praia, sendo beijada pelo oceano **dêste outro lado** e a proeza quase resultou-lhe um outro acidente! Não contando com o pêso do carro, que afundou na areia, François fêz a maior fôrça da sua vida, tentando evitar que êle fôsse tragado pela ondas...

Contornando o litoral em direção ao Equador, François teve de embarcar o "Ford" num barco, a fim de cruzar o golfo de Guaiaquil. A poucos quilômetros da cidade, a "Balzaquiana" sofreu o seu terceiro acidente: um **lotação** enganchou-lhe a parte dianteira, arrastando o **fordeco** por mais de 10 metros! François desmaiou com o choque e, quando recobrou os sentidos, o chofer do **lotação** havia fugido. A polícia equatoriana registrou o acidente e François foi depor no Tribunal, acabando aclamado como herói e recebendo todo o auxílio que necessitava para prosseguir a viagem.

Já, então, a "Balzaquiana" perdera ambas as janelas, os paralamas e a capota esburacada do conversível fazia com que o nosso herói tiritasse de frio pelos planaltos equatorianos e colombianos...

— Mas um paulista nunca desiste! — diz François orgulhoso. — E eu jurara que nada me faria voltar atrás no meu propósito de atingir Hollywood custasse o que custasse!

Êsse espírito de sacrifício do rapaz foi pôsto à prova no Panamá. Tendo de embarcar o carro em navio para cruzar o canal, êle viu-se sem dinheiro algum, sequer para comer. E como jurara fazer a viagem por sua conta, sem recorrer ao auxílio da família (que lhe fôra negado no princípio), François saiu à procura de emprêgo. Trabalhou como estivador durante 12 dias no cais de Panamá e, tão logo juntou uma quantia suficiente para prosseguir viagem rumou para Costa Rica e Manágua. Lá, membros do "Consejo de Producción" arranjaram-lhe um emprêgo temporário de tradutor no Ministério de Relações Exteriores, pois François fala correntemente francês, inglês, espanhol e português. Foram mais algumas semanas de descanso, boa comida e confôrto pessoal para o aven-

(*Continua na pág.* 14)





François e duas brasileirinhas. Visitou o «Chinese».

Vitrina de "A CENA"

Estamparemos em nosso próximo número reportagens de grande interêsse para vocês porque são palpitantes e oportunas. Senão vejamos.

Dorothy Shaw escreve de Hollywood sôbre Doris Day numa reportagem cujo título já diz tudo: "O Mistério de Doris Day". Russ Parker nos fala de um Errol Flynn balzaqueano em reportagem muito interessante. Sheree North, outra rival de Marilyn Monroe aparece nas páginas multicores em poses sensacionais e exclusivas! Não deixem de ler!



DORIS DAY REVELA SEU MISTÉRIO...

Elaine Stewart também está nas páginas multicoloridas numa reportagem maliciosa: "Como Atrair os Homens..." Patrice Wymore, nas páginas multicoloridas conta: "Minha Vida é Dançar"! Há também uma reportagem com Tony Curtis.

ERROL FLYNN ESTA BALZAQUEANO...



As leitoras terão outros conselhos de Elegância e Beleza dado pelas "estrêlas" mais famosas do cinema. Falaremos também de Susan Ball, Alberto Ruschell, Virginia Mayo e outros nomes famosos do cinema. Seções ilustradas sôbre o cinema europeu e brasileiro! Seções de passatempo com valiosas lembranças. Inúmeras atrações no próximo número de "A CENA", que está simplesmente maravilhoso! Não deixem de ler!



TONY CURTIS COMEÇOU DE BAIXO

Ler é um prazer!

MOULIN ROUGE

Cr$ 25,00 cada

116 — Suzana Flag - Meu Destino é Pecar
140 — Júlio Ribeiro - A Carne

Cr$ 20,00 cada

131 - SENSUALIDADE - 1.º vol.
132 - SENSUALIDADE - 2.º vol.
133 - SENSUALIDADE - 3.º vol.
134 - SENSUALIDADE - 4.º vol.
91 - Estudos Sôbre o Amor e o Sexo
164 - Testes de Masculinidade e Feminilidade
92 - A Conquista Amorosa pela Psicologia Sexual
93 - A Arte e a Técnica do Beijo
124 - O Que Todo Homem Deve Saber Para Conquistar as Mulheres
136 - O Que Tôda Mulher Deve Saber Para Conquistar os Homens

Cr$ 15.00 cada

148 - Os Encantos da Mulher Nua
206 - As Amantes do Imperador
178 - Grandes Cortesãs - 1.º vol.
217 - Grandes Cortesãs - 2.º vol.
180 - Emile Zola - Nana
215 - Emile Zola - A Bêsta Humana
269 - Emile Zola - Teresa Raquin
65 - Emile Zola - O Banho, o Beijo
208 - Emile Zola - A Taberna
261 - Emile Zola - Germinal

SEXUAIS

Cr$ 20.00 cada

87 - Rankel - Para Limitar os Filhos
67 - Estimulantes Sexuais
5 - Cauldwell - Guia íntimo da Sexualidade
4 - Cauldwell - Costumes Sexuais Estranhos
6 - Cauldwell - Vigor Sexual
164 - Testes de Masculinidade e Feminilidade
18 - Cauldwell - Solidão Amorosa
95 - Anormalidades Sexuais
125 - Práticas Sexuais no Matrimônio
126 - Psicossexualidade
127 - Hábitos Sexuais do Homem
3 - Cauldwell - Felicidade Sexual no Casamento
145 - Timidez Sexual
7 - Dicionário Moderno do Sexo e Amor
66 - Problemas Sexuais dos Solteiros
130 - Sexo e Psicanálise
91 - Jennigs - Estudos Sôbre o Amor e o Sexo
92 - Gecê - Conquista Amorosa e Sexual
166 - Rankel - Educação Sexual dos Filhos
174 - Manual da Vida Sexual
160 - Enfermidades Sexuais
191 - Rankel - A Cura da Impotência Sexual

PARA A MULHER

Cr$ 18.00 cada

156 - Assim se Emagrece Comendo
213 - O Casamento e Suas Formalidades
149 - Regras de Etiqueta Social
161 - Conquiste Amizades por Simpatia
193 - Dicionário de Nomes Próprios
197 - Horoscópios para Todos
199 - Homeopatia para Todos
220 - Livro de Bôlso para Enfermeiros
244 - Técnica de Injeções e Curativos
236 - Método de Corte e Costura sem Mestre
272 - Guia de Bôlso para Criar o Bebê

Cr$ 12,00 cada

83 - A Cozinha Italiana
86 - A Cozinha Nortista
79 - A Cozinha Francesa
221 - Pratos Econômicos e Saborosos

Romances para Moças
A deliciosa coleção

"AMOUR-AMOUR"

(NO PEDIDO INDIQUE A LETRA E O Nº.) Cr$ 12,00 cada

F - 1 - M. Delly - SONHO DE AMOR
F - 2 - Wanda Boniá - OLHOS SOMBREADOS
F - 3 - Henry Ardel - MULHER E NADA MAIS
F - 4 - C. Brane - O SEGRÊDO DA SUA VIDA
F - 5 - C. Brane - ROSA DE JUNHO
F - 6 - C. Brane - O AMOR ENTRE FLORES
F - 7 - Maryan - MAGIA DE AMOR
F - 8 - G. Chantepleure - CORAÇÃO INFELIZ
F - 9 - M. Dezit - O SEGRÊDO DE SONIA
F - 10 - Wanda Boniá - AMOR INIMIGO

MANUAIS PRÁTICOS

Cr$ 18.00 cada

153 - Fórmulas para Ganhar Dinheiro
158 - Aprenda a Fazer Mágicas
182 - Regras para Vencer na Vida
139 - Elimine seu Complexo Inferioridade
146 - Rádio para Principiantes
122 - Discursos para Tôdas as Ocasiões
64 - Grafologia Prática
186 - Você Sabe Conversar?
192 - 1001 Informações Uteis — 1.º vol.
247 - 1001 Informações Uteis — 2.º vol.
199 - Homeopatia para Todos
220 - Livro de Bôlso para Enfermeiros
233 - Fotografia para Principiantes
234 - Manual do Fotógrafo Amador
253 - As Leis Trabalhistas Simplificadas
82 - Desenvolva a Memória
170 - Aprenda a Dançar sem Mestre
16 - Calendário do Jardineiro Amador
50 - Enxertia Prática em Figuras
36 - Manual do Motorista
138 - Enguiços do Automóvel
61 - Eletricidade do Automóvel
188 - Guia do Mecânico do Automóvel
141 - Aprenda a Dirigir Sòzinho

PORTUGUÊS - LÍNGUAS CULTURA

Cr$ 18.00 cada

27 - Fala e Escreve Corretamente tua Lingua
26 - Erros de Português e suas Correções
69 - Tira-Dúvidas de Português
168 - A Ortografia Correta sem Professor
219 - 500 Testes de Português (Concursos)

Cr$ 12,00 cada

32 - Yes Sir - Inglês sem Mestre
24 - Italiano sem Mestre
25 - Francês sem Mestre
30 - Alemão sem Mestre
31 - Espanhol em Quadrinhos

Cr$ 18.00 cada

8 - Dicionário de Provérbios Franceses
88 - Dicionário de Provérbios Brasileiros
80 - Dicionário de Citações de Frases Célebres de Grandes Homens - 1.º vol.
144 - Dicionário de Citações - 2.º vol.
189 - Dicionário de Citações - 3.º vol.
196 - Dicionário de Citações - 4.º vol.
128 - Biografia de Grandes Escritores
171 - Aprenda a Fazer Versos
53 - Dicionário de Rimas
242 - Dicionário de Sinônimos
9 - Dicionário da Mitologia
28 - Seleções de Ruy Barbosa
237 - Guia de Redação Oficial
89 - Vocabulário Ortográfico de Bôlso. Feito por processo fotográfico, do Vocabulário da Academia.

Cr$ 40,00

PARA CRIANÇAS

A Maravilhosa

COLEÇÃO PERERECA

Livros ilustrados a côres

Cr$ 7,00 cada

P- 1 - ABC - Cartilha Infantil
P- 2 - O Sonho do Toquinho
P- 3 - O Gatinho Perdido
P- 4 - Quica, a Macaquinha
P- 5 - Os Pintinhos Convencidos
P- 6 - Enfrentando o Perigo
P- 7 - A Pequena Costureira
P- 8 - As Barbas do Papai Noel
P- 9 - As Invenções do Gasparinho
P-10 - Jonko, o Mágico dos Bichos
P-11 - Tareco e o Automóvel
P-12 - Pipoca, o Boneco Maravilhoso
P-13 - Entre as Estrêlas
P-14 - O Estouro dos Sacis
P-15 - A Pequena Dona de Casa
P-16 - Inesperada Glória
P-17 - No Reino das Côres
P-18 - A Espada Mágica
P-19 - No Mundo dos Animais
P-20 - As Duas Noites de Natal
P-21 - Cachito
P-22 - O Cachimbo do Saci
P-23 - Uma Aventura na Floresta
P-24 - Bartolo, o Boneco
P-25 - O "Mão de Aço"

(NO PEDIDO INDIQUE A LETRA E O Nº.)

ROMANCES CÉLEBRES

Cr$ 15,00 cada

270 - Balzac - A MULHER DE TRINTA ANOS
245 - Dostoiewski - O JOGADOR
207 - Dostoiewski - CRIME E CASTIGO
195 - Flaubert - MADAME BOVARY
229 - Dumas Filho - A DAMA DAS CAMÉLIAS
179 - Sienkiewcz - QUO VADIS
210 - V. Hugo - O HOMEM QUE RI
181 - O. Wilde - O RETRATO DE DORIAN GRAY
289 - Warin - ROMEU E JULIETA
216 - Gauthier - MADEMOISELLE DE MAUPIN
266 - Bronte - MORRO DOS VENTOS UIVANTES
250 - Prevost - MANON LESCAUT
254 - Pierre - PAULO E VIRGINIA
255 - C. Bronte - JANE EYRE
265 - Austen - ORGULHO E PRECONCEITO
275 - Merimée - AMÔRES DE CARMEM
293 - Lamartine - GRAZIELA
285 - Spiel - A VIUVA ALEGRE
223 - Dumas - O CONDE DE MONTE CRISTO
232 - Escrich - HISTÓRIA DE UM BEIJO
249 - Ohnet - O GRANDE INDUSTRIAL
251 - Dumas — A MÃO DO FINADO
252 - Stevenson - A ILHA DO TESOURO
249 - Feuillet - ROMANCE DE MOÇO POBRE

ROMANCES BRASILEIROS

Cr$ 15,00 cada

300 - O GUARANI — José de Alencar
222 - IRACEMA — "
256 - O TRONCO DO IPÊ — "
224 - UBIRAJARA — "
225 - DIVA — "
226 - A VIUVINHA — "
241 - SENHORA — "
238 - A PATA DA GAZELA — "
239 - LUCÍOLA — "
227 - A MORENINHA — J. Manoel Macedo
228 - MOÇO LOIRO — "
243 - AMÔRES DE UM MÉDICO — "
273 - UMA PAIXÃO ROMÂNTICA — "
274 - A NAMORADEIRA — "
240 - A ESCRAVA ISAURA — B. Guimarães

PASSATEMPOS ESPORTES

Cr$ 10,00 cada

COCK-TAIL DE PALAVRAS CRUZADAS
157 - N.º 1 — 279 - N.º 2 — 288 - N.º 3 —
100 - N.º 4 — 106 - N.º 5 — 109 - N.º 6 —
111 - N.º 7 — 112 - N.º 8 — 113 - N.º 9 —
117 - N.º 10 — 118 - N.º 11. (todos os mêses um novo número em tôdas as bancas)

Cr$ 18.00 cada

68 - O Livro das Mágicas
78 - Testes de Inteligência
12 - Como Interpretar os Sonhos
158 - Aprenda a Fazer Mágicas
169 - Anedotas Escolhidas
137 - Habilidades e Proezas da Juventude
258 - Racha-Côcos ou Quebra-Cabeças
263 - Manual do Escoteiro
190 - Regras Oficiais do Futebol
260 - Guia do Crack
211 - Regras e Comentários de Basquetebol
212 - Levantamento de Pêso
129 - Jiu-Jitsu sem Mestre
135 - Natação sem Mestre
22 - Quebra-Cabeças, Mágicas, Passatempos
13 - Como Ler os Pensamentos
14 - Como Ler as Mãos
39 - Como Tirar a Sorte pelas Cartas
51 - Regras para Jogos de Cartas
147 - Métodos para Hipnotizar
185 - Contos do Vigário, Pulo dos Nove, etc.

AS MELHORES POESIAS

Cr$ 15,00 cada

46 - Castro Alves - ESPUMAS FLUTUANTES
121 - Castro Alves - OS ESCRAVOS
142 - Castro Alves - A CACHOEIRA DE PAULO AFONSO
60 - Castro Alves - HINOS DO EQUADOR
175 - Casimiro de Abreu - AS PRIMAVERAS
176 - C. de Abreu - CANÇÕES DO EXÍLIO
84 - POESIAS DE GONÇALVES DIAS

Cartas

Cr$ 18.00 cada

90 - Gecê - Modelos de Cartas p/Todos os Fins
162 - Formulário de Correspondência Social
163 - Modelos de Cartas Sentimentais
143 - Modelos de Cartas Comerciais
20 - Macedo - Sugestões para Cartas de Amor
21 - Macedo - Correspondência Amorosa
237 - Guia de Redação Oficial

Aceitamos Agentes Particulares no Interior.

GRÁTIS

PARA CADA 10 LIVROS, VOCÊ ESCOLHE MAIS UM!

VENDAS:

RIO:
AV RIO BRANCO, 25 e RUA DO OUVIDOR, 150

SÃO PAULO:
RUA CONS. CRISPINIANO, 403

BELO HORIZONTE:
RUA DA BAHIA, 884

E Nas "Lojas Brasileiras de Preços Limitados" em todo o Brasil.

INTERIOR:
PEÇA PELO REEMBÔLSO POSTAL. ENVIANDO SEU PEDIDO, PELO TALÃO AO LADO, PARA O RIO

Editora
GERTUM CARNEIRO

Av. Rio Branco, 25 - Dep. 7-B — RIO

Peço enviar, pelo Reembôlso Postal, os livros, cujos números indico abaixo:

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

BASTA INDICAR O NÚMERO

Não mande dinheiro ou selos, nada adiantado. Nos pedidos abaixo de Cr$ 100,00 ha aumento de 10 %.

NOME . . . .
RUA . . . .
LOCALIDADE . . . .
MUNICÍPIO . . . .
ESTADO . . . .

SEMPRE MÚSICA

RAMALHO NETO

Dúvidas não existem de que a música sempre ocupou papel importante na vida de cada um. Desde o músico ao leigo ouvinte, a música tem estado ligada intimamente. Ela faz parte das coisas de todo o dia. Nos momentos psicológicos de nossa alma, ela tem representado um papel de relêvo. Nos instantes alegres, depressivos ou apenas de meditação, nos tem ajudado a vencer crises emocionais, conformando e incentivando...

De uma maneira ou de outra, a música nos tem acompanhado através dos anos, como companheira fiel que nos consola, comove, exalta e acalma. E é à música que, doravante, iremos dedicar esta página. Aqui, vocês encontrarão tudo que a ela se relaciona: letras, notícias, fotografias, informações; desfilarão em "Discos", forma pela qual a música se popularizou sendo hoje encontrada em todo o mundo, nas suas diferentes modalidades técnicas e artísticas.

C I N E — M Ú S I C A

Dentro de pouco tempo vocês verão em nossas telas o comentado "Música e Lágrimas", película que conta a vida do grande trombonista e chefe de orquestra Glenn Miller, vivido nesse filme por James Stewart. Nomes famososo da música americana como Frances Langford, Louis Armstrong, Ben Pollack, Archie Savage Dancers e o grupo vocal The Modernaires, aparecerão em pessoa. Nada menos que 22 melodias serão ouvidas com entusiasmo. São elas:

"Moonlight Serenade"
"String of Pearls"
"St. Louis Blues Barch"
"In the Mood"
"Little Brown Jug"
"Pennsylvania 6-5000"
"Tuxelo Junctiton"
"American Patrol"
"National Emblem March"
"Bidin' My Time"
"Chattanooga Choo Choo"
"Basin Street Blues"
"I Know Why"
"At Last"
"Adios"
"Elmer's Tune"
"Stairway To the Stars"
"Over the Rainbow"
"Everybody Loves My Baby"
"Looking at the World Through Rose Colored Glasses"
"I Found a New Baby"
"Too Little Time"
(Tema romântico do filme)



Este é o fabuloso Frankie Laine, dono de um estilo inigualável. Seus dois filmes "Uma Canção e um Beijo" e "Arco Iris", nos fizeram acreditar na grande popularidade que goza nos Estados Unidos. O moço tem realmente valor! A Mercury e Columbia poderiam obter sucesso lançando seus melhores discos entre nós. Aqui fica a sugestão.



MARILYN MONROE: sucesso também nos discos...



JULIUS LA ROSA: novo Sinatra para as pequenas...

T Ó P I C O S

Marilyn Monroe, a mais comentada figura feminina dos últimos anos, tem sua carreira intimamente ligada ao disco. Gravou com Jane Russel um LP das músicas do filme "Os homens preferem as loiras", logo após Ray Anthony e sua orquestra gravaram "Marilyn", a ela dedicada. Agora, a sra. Joe DiMaggio é exclusiva da RCA Victor e seu primeiro disco já é encontrado nos U.S.A.: "I'm gonna file my clain" e "The river of no return", esta última da película do mesmo nome ★ Julius La Rosa é a nova razão dos gritinhos e suspiros românticos das garôtas americanas. Voz e interpretação agradáveis ★ Severino Araújo e sua Orquestra estão de saída da Rádio Tupi ★ A Musidisc não mais fabricará discos de 7 polegadas ★ Em conseqüência da retirada de Arturo Toscanini à vida privada, a famosa Orquestra Sinfônica da NBC foi dissolvida ★ Novas marcas de discos: "Mirim" e "Micro-Disc" ★ Radamés Gnatali gravou em solo de piano aqui no Brasil sua composição "Suite de Dança Brasileiras" para que Laurindo Almeida, nos Estados Unidos, pelo sistema de "playback", colocasse no disco os solos de violão. A União dos Músicos impugnou a gravação exigindo que o pianista fôsse americano ★ Lucho Gática, cantor brasileiro de tangos, acaba de vencer em Buenos Aires o "Prêmio de Interpretação Peron". Assinou com a Odeon ★ Frankie Avalon de 12 anos de idade, que viveu o papel de Kirk Douglas, quando menino, no filme "Young man with a horn", aprendeu trumpete e foi lançado na vida artística como protegido de Ray Anthony ★ Dora Lopes, agora cantando na Rádio Mauá, assinou contrato com a Continental. Dora forma com Dolores Duran as duas cantoras de estilo mais moderno em nosso país

R E T R A T O



N O R A   N E Y

Mais interpretação e personalidade, do que pròpriamente voz, êsse é o caso de Iracema Ferreira Maia (Nora Ney). Começou cantando nas festinhas dos amigos e algumas vêzes "brincou" com os microfones das "boites" até ser notada por César de Alencar que levou-a para seu famoso programa de auditório. Nora agradou, mas não ficou na Nacional, pois fêz estágio (e sucesso) na Tupi, fixando-se depois no "cast" dos melhores da E-8. Gravou seu primeiro disco "Menino Grande" e alcançou muito sucesso. Vieram outros e seu prestígio foi aumentando. Passou a ser "coqueluche" do momento.

Sua discografia até o momento: "Menino Grande", "Ninguém me Ama", "É tão Gostoso seu Moço", "Bar da Noite", "Quanto Tempo Faz", "Amor, meu Grande Amor", "De Cigarro em Cigarro", "Onde anda Você", "Índia", "Preconceito", "Deixa-me", "Felicidade", "Que Saudade é Esta", "Canção de Portugal", "Aves Daninhas", "O que foi que eu fiz", "Duas Lacraias" e "Solidão".

OUVIMOS E ACONSELHAMOS

RUBY — Leroy Holmes (MGM)
ÉS NADA... NINGUÉM — Dora Lopes (Sinter)
SOLIDÃO — Nora Ney (Continental)
WALKIN' MY BABY BACK HOME — Nat Cole (Capitol)
FOI UM SONHO — Ângela Maria (Copacabana)
COCKTAILS FOR TWO — Billy May (Capitol)
FESTIVAL — Diversos intérpretes (LP Musidisc)
C'EST SI SON — Eartha Kitt (RCA)
DESEJO — Dóris Monteiro (Todamérica)
VILLA LOBOS — José V. Brandão (LP Sinter)
EBB TIDE — Frank Cheksfield (Decca)
COPACABANA — Dick Farney (Majestic-Sinter)
OH! MY PA-PA — Eddie Fisher (RCA)
HIGH NOON — All Goodman (RCA)



"ASTROS" NUMA TERRA EXÓTICA

Por JERRY LANE

O produtor Bob Fellows nos levou ao cenário natural que inspirara sua nova história para filme. Vinte e seis artistas, além do Diretor, técnicos e êste repórter compunham a caravana de filmagem que foi recebida no aeroporto da cidade do México por mais de mil pessoas ávidas por conhecer pessoalmente a Glenn Ford, "astro" do filme que seria rodado a umas vinte milhas da cidade de Oaxaca. No elenco havia duas "estrêlas" que interessaram particularmente aos mexicanos: a inglêsa Patricia Medina, de olhos escuros e a cútis fina como a rosa, e a americana Diana Lynn, que no filme desempenharia um papel bem diferente dos anteriores. Ela que sempre havia sido uma pequena ingênua e inofensiva, devia viver a parte de uma mulher intensamente passional e demasiado ambiciosa.

Antes de partirmos para Oaxaca surgiram problemas que precisavam ser solucionados urgentemente Oaxaca ficava distante de qualquer centro civilizado e as estradas não ajudavam muito. Bob Fellows solucionou tudo mandando construir sem demora um veículo que comportaria o transporte da "camera" de filmar e a aparelhagem de gravação do som. O veículo, pela sua originalidade, causou viva impressão entre os técnicos do cinema mexicano que serviam como acessores junto a nossa equipe.

Os artistas aproveitaram o intervalo forçado para conhecer o México. Passearam pelos arredores da cidade colhendo flagran-

Glenn Ford cuja maior mania é a fotografia, levou sua máquina e colheu diversos flagrantes dos colegas, da espôsa e do filho.



Dianna Lynn iniciou com as filmagens em Oaxaca uma nova fase de sua carreira: interpretará uma mulher voluntariosa e má...



Glenn Ford voltou da viagem a Oaxaca impressionado com a civilização zapoteca e com as ruínas, pretendendo agora estudá-las...



A atriz inglêsa Patricia Medina interessou aos mexicanos com os seus olhos escuros e seu encanto pessoal. Fêz muito sucesso!



O outro astro do elenco, o louro Sean McClory, levou Patricia e Dianna para visitar o mercado de Oaxaca...



Dianna Lynn posou com satisfação para Glenn Ford. Os cenários naturais são de muita beleza para os olhos...

tes com suas máquinas fotográficas e quem mais se divertiu com isso foi Glenn Ford, cujo "hobby" sempre foi a fotografia. Glenn viajara em companhia da espôsa, a dançarina do cinema Eleanor Powell, e do filhinho. Os três, sempre juntos, distraíram-se muito com os bons vizinhos mexicanos que faziam esforços para entender o inglês.

Bob Fellows combinara com John Farrow, diretor do filme, que todos da equipe deveriam tomar lições de espanhol básico, pois levaríamos tempo em contato permanente com os mexicanos em Oaxaca e longe, no local próprio das filmagens. O expediente nos ajudou muito depois, porque valeu para fazermos algumas amizades valiosas das quais todos devem guardar agora delicadas lembranças.

Fomos bem acolhidos em Oaxaca e no local das filmagens é que os artistas sentiram-se no seu ambiente. As ruínas zapotecas em cujo cenário desenrolava-se a história do filme, "Plunder of the sun", serviram como atração permanente para todos os membros da equipe. Já de volta, Glenn vinha discutindo com Diana Lynn e Patricia Medina sôbre povos antigos que haviam sido fundadores da raça que tanto lhe interessava agora estudar.

Bob Fellows e John Farrow voltavam contentes com o sucesso das filmagens e a caravana de técnicos e artistas possuía motivos de sobra para agradáveis recordações.



No passeio por Oaxaca, Glenn Ford mostrou a Dianna como um jornal referia-se a êles e ao filme em realização

As ruínas zapotecas foram a atração maior para Glenn e o resto da equipe. Neste cenário desenrolou-se o filme.



Pinturas exóticas interessam muito a Glenn Ford, artista inteligente que possui realmente cultura.





QUE ESCONDERÁ O RISO DA LINDA MARIA FELIX?

Os amigos da mais famosa «estrêla» mexicana que a exaltação (muito compreensível) dos fãs apontam como a «mulher mais linda do cinema», ficaram contente por vê-la sorrir despreocupada pela primeira vez, após tantos golpes do Destino. Maria Felix, que o telégrafo impaciente noticiara como noiva oficial do «astro» argentino Carlos Thompson (simples truque de publicidade), veio a desposar o ator mexicano Jorge Negrete. Pareciam felizes e sua fecilidade deveria durar para sempre. Mas, a morte caprichosa veio buscar Negrete e Maria ficou só. Só e triste. Triste e medrosa. Uma desgraça jamais vem só. Os jornais espalharam depois acusações da mãe de Negrete colocando Doña Felix em situação delicada. Falavam que a «estrêla» ficara com as jóias e que sua tristeza era apenas exterior. Pura maldade. Maria voltou a sorrir. Mas não consegue esconder que a chaga da maldade feita, ainda não secou . . .



TONY E PIPER — DIZEM — NÃO SE SUPORTAM...

Quem os vê nos filmes trocando beijos e carícias jamais suspeitaria de que na vida real — longe do «set» de filmagem — êles não se suportam. Os primeiros boatos sôbre a incompatibilidade de Tony e Piper fizeram prever apenas mais um truque de publicidade, tão comuns aliás em Hollywood, porém o tempo está provando que o caso é sério mesmo e que os dois atores dificilmente poderão superar a raiva propalada. Apesar do excelente tema, os mexeriqueiros profissionais da meca do cinema não abordam o assunto diretamente, esmiuçando-lhe o passado. Ninguém sabe — com certeza — até hoje, porque Tony Curtis e Piper Laurie não se dão bem. O estúdio quando soube do caso pessoal, resolveu dar-lhes uma oportunidade: colocou-os no mesmo elenco de vários filmes. Pensavam que o convívio pudesse dissipar a antipatia. Nada aconteceu. Tony e Piper continuam inimigos cordiais . . .



Ninguém mais indicada para iniciar esta série em A CENA que a «estrêla» cujo «glamour» natural tem provocado tanta discussão. Jane Russell foi, é e continuará a ser uma das «estrêlas» de Hollywood cujos atributos físicos e encantos pessoais dão-lhe um trono de rainha! Seu último filme, «The French Line» suscitou controvérsias da censura americana e a «estrêla» chegou a ser ameaçada de boicote pelas ligas religiosas e de decência. Tudo isso porque ela possui de fato um corpo maravilhoso!

JEFF CHANDLER
serve de balança

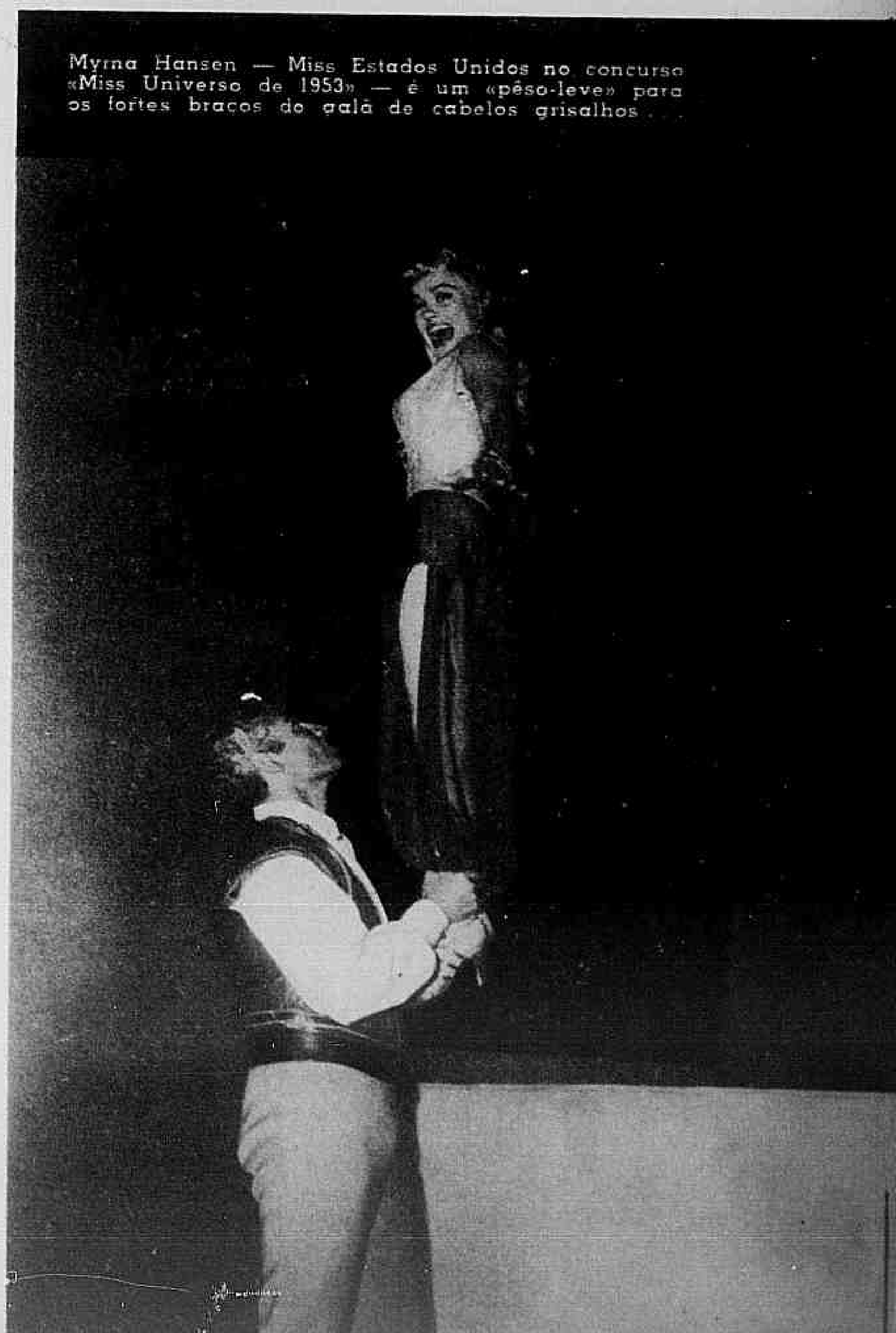
Embora bastante alta, Rhonda Fleming também é uma «carga» fácil para Jeff. «A mais linda «carga» que já tive nos braços!» — comenta o «astro».





Mamie Van Doren — a imitadora número um de Marilyn Monroe — contracena com Jeff Chandler em «Yankee Pasha» e recebeu êste «tratamento» do «astro» que, considerando-a muito pequena, levantou-a pelos tornozelos!

Myrna Hansen — Miss Estados Unidos no concurso «Miss Universo de 1953» — é um «pêso-leve» para os fortes braços do galã de cabelos grisalhos . . .



Muitas «fans» gostariam de ter como «balança» os braços fortes de Jeff Chandler, um dos «astros» mais queridos da Meca do Cinema, mas nem tôdas têm a sorte de Mamie Van Doren, Myrna Hansen e Rhonda Fleming!

Durante a filmagem de «Yankee Pasha», o atlético Jeff — «astro» da película — resolveu mostrar às suas companheiras de trabalho que êle não precisa de balança para calcular o pêso delas: usa apenas as mãos possantes. . .

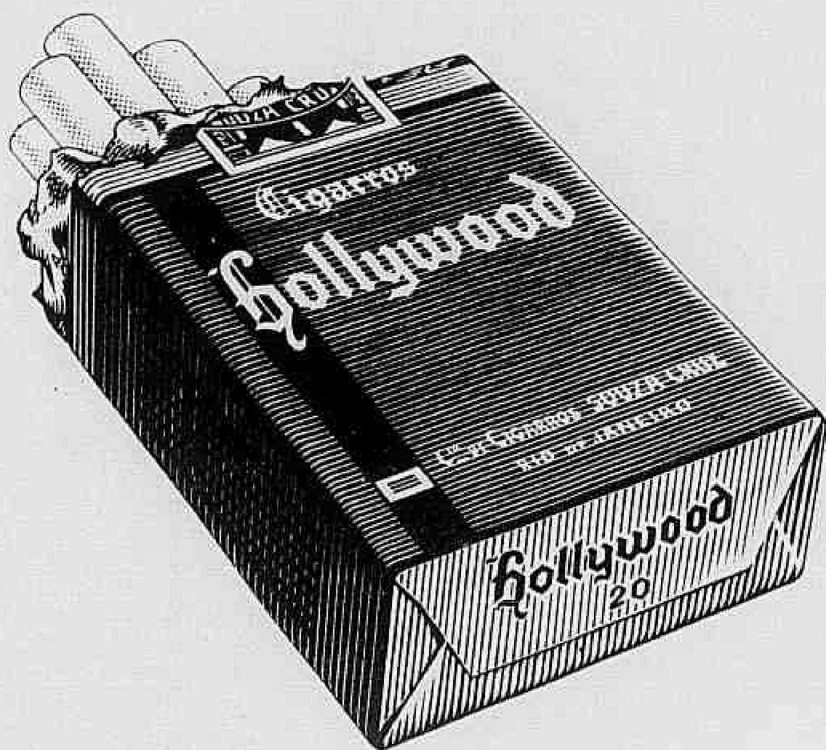
Nesta página, mostramos, fotogràficamente, o que aconteceu quando Jeff Chandler resolveu pôr em prática a sua interessante e originalíssima teoria. . .

Não foram poucos os atores que se morderam por não fazer o mesmo, e como muitas de nossas leitoras, algumas «estrêlas» de Hollywood também sentiram inveja de Mamie, Myrna e Rhonda. . .



Um crítico de teatro...

...é aquêle que distingue entre as peças
a que apresenta mais forte expressão
de bom gôsto. Êsse mesmo senso
de discernimento é que leva
os fumantes a preferir



hollywood

uma tradição de bom gôsto

UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.244